

NOVAS DA GALIZA

— I PERIÓDICO GALEGO DE INFORMAÇÃO CRÍTICA I —



“O trem de proximidade, o verdadeiro elemento vertebrador da nossa comunidade, está cada dia mais longe”

Javier Farto, da Associação de Afectados do AVE Tramo Corunha-Betanzos

PÁGINA 7



Endurecem-se as mobilizações do metal ao mesmo tempo que aumenta a tensom a favor da greve geral nacional

OS TRABALHADORES DO SUL PROTAGONIZAM A MAIOR BATALHA LABORAL DA ÚLTIMA DÉCADA

A greve do metal da província de Ponte Vedra, caracterizada pola força e unidade dos trabalhadores, a intransigência do patronato no momento de fazer concessões e a brutalidade policial, está a sentar um precedente notável nas luitas dos trabalhadores da última década. Enquanto a CIG se prepara para organizar umha greve geral nacional frente à crise e a restauração da direita na Junta, os trabalhadores metalúrgicos do sul desafiaram o empresaria-

riado com umha contundência e continuidade inaudita nos últimos tempos. No transcurso deste mês sucederom-se marchas nas principais localidades implicadas no conflito, ocupações de sedes bancárias e de lugares emblemáticos relacionados com o sector e numerosos cortes de trânsito, assim como confrontos entre a polícia e os trabalhadores. No fecho desta edição, a 22 de Junho, contabilizavam-se já 14 jornadas de greve que tinham

provocado importantes perdas económicas, tanto para os trabalhadores como para os empresários. Em palavras de Antolín Alcántara, “se os empresários continuarem a esganar o conflito como estão a fazer, a greve geral tem que ser um assunto do qual tenhamos que falar, começando-o a pôr em cima da mesa já”. A batalha continua enquanto as classes trabalhadoras mais conscientes se organizam frente aos actuais desafios. / Pág. 4



Direitos de imigrantes recuarão com a lei que quer aprovar o PSOE

Enquadrada numha política europeia que se vem caracterizando polo fecho fático de fronteiras às pessoas migrantes, o governo espanhol prepara umha reforma da lei de imigração que significará um endurecimento na disci-

minação da população foránea. A restrição duns direitos já limitados virá impor mais obstáculos para uns trabalhadores e trabalhadoras que, com as suas famílias, som mais de 3% dos habitantes da Galiza. / Pág. 14

Fracassam tentativas de infiltração policial no independentismo

NOVAS DA GALIZA tivo conhecimento de polo menos umha dúzia de tentativas fracassadas de infiltração policial no independentismo. Ainda que as autoridades espanholas levam umha década assegurando que o arredismo galego é “um movimento residual e ultraminoritário”, os esforços em labores de inteligência, dissuassom e perseguição penal dos independentistas mantêm um tom intenso. Beirando a sua própria lei, os

emissários policiais asseguram perseguir a violência política independentista. Porém, é toda umha comunidade sócio-política a que se situa no alvo policial, na melhor tradição espanhola de considerar todo cidadão soberanista como umha ameaça em potência. Nesta reportagem damos a palavra a várias pessoas que foram assediadas por forças policiais, desde solidárias com os direitos humanos a militantes de centros sociais. / Pág. 12

E AINDA...



Tractorada paralisou Compostela

COOP57 GALIZA: financeira para o investimento ético em projectos de economia social e solidária

MULTAS CONTRA MANIFESTANTES pró-galego já somam aproximadamente 30.000 euros

A CIG FORTALECE as suas posições de esquerda num congresso em que crescem as vozes críticas

Opinións de: Marga do Val, Jacobo Pintor, Xan Carlos Ansia e Valentim R. Fagim

Sucedem-se os casos de corrupção entre altos cargos do PP de Feijóo

Os tribunais investigam um conselheiro e o ‘superdelegado de Ourense’, entre outros militantes destacados / 09



Jem Coem é um autor cinematográfico americano que filma ao pé de campo, a tanta distância do documentário como da ficção, como já figera aqui, por exemplo, Carlos Varela.

Num filme seu intitulado Chain, Coem traça um percurso filmico através das grandes superfícies de estabelecimentos comerciais, áreas de ócio, recintos feirais, etc. O olho da câmara do autor americano regista algo parecido com um campo de batalha, imagens sem referente histórico concreto, sem localização possível; apenas paisagem devastada, enormes desertos de asfalto projectados como estacionamento de carros e ruínas de centros comerciais onde a massa se realizava a si mesma sob o brilho de luzes alucinógenas.

Chain é, em última instância, um filme sobre fantasmas; sob os entulhos emergem espectros anónimos que desfilam com o carro das compras cheio, depois de terem visto um filme, terem jantado no restaurante, e mesmo terem assistido a uma palestra do último best-seller. Todo isto sem sair do centro comercial para depois, percorrerem de carro o único trajecto possível que os conduz de volta para casa. A ausência das massas no filme, faz manifesta a sua presença como ensonhação, como o delírio colectivo da sociedade do bem-estar, o sonho da igualdade encarnado no poder de aquisição dos trabalhadores, todos somos possuidores, adeus à sociedade de classes. O filme estabelece entom uma dialéctica clara entre o real, a destruição, a ruína, os restos que ficam como mostra da lógica suicida do capital; e o mítico, a ilusão desatada sob a epígrafe da liberdade, da democracia, do progresso ilimitado.

A Torre de Hércules, património da humanidade na cidade-supermercado

JACOBE PINTOR



Hoje na Corunha, uma fugaz visita ao edifício do Paléxco e ao "El puerto, centro de ocio", chega para compreender o "complexo" fenómeno da economia global que ocupa o tempo dum exército de estadistas. Um verdadeiro porto que concentrava boa parte da actividade da cidade foi substituído por um "cemitério" vigilado por dous guardas aborrecidos, onde os cabos da electricidade penduram do tecto e as paredes descascadas mal se dissimulam entre os desenhos moder-

nos dos restaurantes sem clientes. Aos numerosos centros comerciais que, como este, existem na Corunha somam-se duas áreas inauguradas este ano; uma no centro da cidade que significou o aniquilamento do bairro popular do Papagaio, e outra situada no polígono industrial da Agrela, que tem provocado o colapso do tráfego de humanos que se deslocam cada dia em massa dos subúrbios da periferia corunhesa para os seus lugares de trabalho. Duas novas grandes áreas,

que somam mais de 500.000 metros quadrados de construção e situadas ambas nos enlaces de saída e entrada da cidade, onde se concentra a actividade industrial, aguardam para uma abertura próxima.

O governo local justifica a promoção destas gigantescas sepulturas agitando a cifra de 6.500 novos empregos, um argumento pobre quando o desemprego maciço sacode sem piedade o país, uma piada pouco engraçada que no entanto legitima qualquer destrui-

ção. Por detrás desta cifra, apenas se esconde a política continuista do vazquismo, a aniquilação da cidade popular, a expulsão dos seus habitantes para os subúrbios; a venda do espaço público aos interesses privados som o reverso da "ciudad donde nadie es forastero", cosmopolita e moderna, uma cidade aberta ao seu consumo como os milhares de metros quadrados de superfície dos grandes supermercados que a inundam. O visionário Paco Vázquez deixou um modelo para o governo partilhado entre socialistas e nacionalistas oficiais; os primeiros assumiram o controlo da gestão da maquinaria especulativa vazquista, e os segundos a reorganização da sua projecção espectacular. A degradação urbana encontra neste ponto a sua correspondência com a degradação pessoal e política, Henrique Tello, infatigável acoite de Vázquez durante a oposição, lidera do governo local a campanha para a candidatura da Torre de Hércules como património universal e farol da humanidade. É a obsessão de uma burguesia nacional urbana que carga com a pesada louca do complexo de subdesenvolvimento. O nacionalismo oficial, incapaz de tomar a iniciativa para transformar a realidade, substitui-a por uma imagem ideal em que se pode reconhecer, a ensonhação de uma utópica e pacificada sociedade de bem-estar social e progresso económico. Incapaz de agir perante a destruição da cidade, transforma-a em reclamo publicitário, mercadoria fetiche para os turistas desfrutarem deste grande supermercado. Ignoram que, como sucede no filme de Jem Coem, e como podemos constatar no nosso país, a força da realidade acaba emergindo sempre por cima da sua banal representação.

O PELOURINHO DO NOVAS

Se tens alguma crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desejás transmitir-nos alguma inquietação ou mesmo alguma opinião sobre qualquer artigo aparecido no NGZ, este é o teu lugar. As cartas enviadas deverão ser originais e não poderão exceder as 30 linhas digitadas a computador. É imprescindível que os textos estejam assinados. Em caso contrário, NOVAS DA GALIZA reserva-se o direito de publicar estas colaborações, como também de resumí-las ou extrair-las quando se considerar oportuno. Também poderão ser descartadas aquelas cartas que ostentarem algum género de desrespeito pessoal ou promoverem condutas antissociais intoleráveis.

Endereço: pelourinho@novasgz.com

POR UM MELHOR TRATAMENTO INFORMATIVO DO MOVIMENTO FEMINISTA

Da Assembleia de Mulheres de Vigo queremos manifestar a nossa desconformidade com o tratamento dado pelo Novas da Galiza ao 8 de Março, Dia da Mulher Trabalhadora, com um artigo bastante parco e pouco profundo, sem reflectir o carácter de dia de luta que se pretende em muitos âmbitos do feminismo. A informação nom contrastada levou à omissão de algumas das acções e silenciamento de alguns discursos que achamos serem de interesse do ponto de vista de um jornalismo de contrapoder. Aclaremos pois que os actos levados a cabo pela Assembleia de Mulheres de Vigo consistiram numa

acção de rua pela memória histórica das mulheres num dos monumentos da cidade e a denúncia pública da trivialização e falta de combatividade por parte de muitas das organizações feministas nesta data, para além da reivindicação de uma praxe feminista de rua e antissistémica. Para ilustrá-lo, um fragmento do manifesto lançado no 8 de Março pela Assembleia de Mulheres de Vigo:

"O 8 de Março é um dia de luta (...) Durante estes quase cem anos de concentrações, manifestações e actos por todo o país, partidos políticos, sindicatos, redes dirigidas por conselheiras... tentaram sempre utilizar a nossa luta. Na actualidade, isto continua a ser assim, negando-se ao movimento feminista a sua independência. Vemos assim como

os actos do 8 de Março som em muitos casos organizados e financiados por câmaras municipais, deputações, secretarias gerais, etc. (...) com uns fins claros: lograr o "voto feminino", impedir a auto-organização das mulheres e o seu empoderamento (...) Daqui queremos manifestar que a luta feminista é uma luta em que só decidem as mulheres, que apoiaremos todos os grupos feministas de base, sem siglas de partidos políticos, que lutam diariamente para que a destruição do patriarcado seja um objectivo real."

Além da queixa exposta, também queremos informar a este meio que neste momento existem vários grupos feministas locais no nosso país com uma actividade e presença constante na rua, ademais da Marcha

Mundial das Mulheres e do resto de organizações feministas com andaina no nosso país. Estes grupos de mulheres pretendem criar um discurso feminista combativo e alternativo ao institucional.

Por todo o exposto solicitamos que todo o movimento feminista do país seja notícia para esta publicação.

Assembleia de Mulheres (Vigo)



Palmira, essa língua

MARGA DO VAL

“EU SOU A PALMIRA A LUTAR POR SOBREVIVER IMAGINANDO NESTA PRIMAVERA TÃO, TÃO TRISTE ENTRE OS ÍCONES DE BERLUSCONI E DE FEIJOO, ARGALHADAS PARA TRAMPEAR A VIDA, SENDO CONSCIENTE DE NÃO PODER DAR A VOLTA À BANQUETA, POR NÃO TERMOS BANQUETA, POR NÃO PODERMOS JOGAR A PARTIDA”

Lembro-me muitas vezes da Palmira, uma mulher miúda com os olhos azuis mais intensos que vi na minha vida, uma mulher maltratada muito pela vida que mantinha uma vitalidade intensa, uma alegria vivíssima. A Palmira forma parte das mulheres sábias da minha infância, das que dominavam as argalhadas e trampeavam com a vida para sair adiante; não é que a Palmira fosse uma trapaceira, jogadora de cartas empedernida, não duvidava em dar a volta à lanqueta para que lhe mudasse a sorte, a Palmira, sobrevivía feliz, sobretudo na casa da minha avó Benedicta, refúgio das suas horas livres, abeiro da fome do alouminho e do pão. Mesmo houve alguém que chegou a dizer que era bruxa, ela demonstrou-me que não e ensinou-me que as bruxas não existiam. Frente a quem a aldraxava, a Palmira queria ser bruxa, e que a sua figura miúda e a intensidade dos olhos azuis, lhes metesse o medo no corpo. Muito quis e devo à Palmira, uma vez encontrei-a num relato de *Historias e invenciones de Felix Muriel* de Dieste, “Juana Rial, limonero floreado”, outras num poema “Meiga” de M^a Xosé Queizán de *Fóra de min*. Muitas mulheres me pareceram ela nas ruas do mundo, moradoras solitárias de casas pequenas e arredadas, também com línguas afiadas e livres, a liberdade e a riqueza de quem menos precisa. Mas só nestes últimos dias me apercebi da presença da Palmira, insistente e risonha, que não deixa de me dizer “Isto são che cousas de um mal foder” ou “Deus que no-lo dá e nós que o temos para que o queremos”, então deu-me por pensar nesta má imprensa que nos envolve e que informa o que lhe apetece, se for bem paga, títulos que me abraiam todos os dias, ditados pelo mal governo e regidos pela falta de ética e estética. Notícias que atentam contra nós e que tentam meter medo, opiniões fanáti-

cas e fascistas, notícias indignantes. Que Primavera tão triste! A direcção musical está articulada desde a batuta da direita mais direita, a das más palavras e a da chularia. Palmira fala do aborto no seu tempo, ali entre as vinhas, botava-se o filho abaixo e ponto, se tinha sorte ficava limpa a ferida. A lei não obriga a abortar, a lei elimina as vinhas e as hemorragias, a lei dá a livre decisão às netas da Palmira. E é então quando chega a língua, a de todos os dias, a do trabalho, a do lazer, a lingoreteira e mal falada, que me faz saber que eu sou a Palmira. Eu sou a Palmira por falar como ela, por vir de onde venho ou por querer ser de onde sou ou por escolha livre. Eu sou a Palmira a lutar por sobreviver imaginando nesta Primavera tão, tão triste entre os ícones de Berlusconi e de Feijoo, argalhadas para trampear a vida, sendo consciente de não poder dar a volta à lanqueta, por não termos lanqueta, por não podermos jogar a partida. Na tevê, nos jornais Berlusconi e as mulheres, Feijoo, general da reconquista com o lema de doma e castração do Reino da Galiza, com o desejo de ganhar uma batalha que o leve à Moncloa, esse sonho secreto que Rajoi ainda não conhece. A imprensa dirá: A Moncloa, luta de galegos. Entretanto, para eles, a Palmira, essa pobre língua sem valor fora da Galiza que tratam de impôr. Para essa Galicia Bilingüe a meta é o Castelhana, a meta é a Moncloa, acabar com o galego, contra as decisões do Parlamento galego. Acabar com a identidade, essa identidade que lhes dá medo, que lhes fala do que são e de onde vêm os “pollitos bien” de Valle Inclán ou os desertores do arado. Se não abortam que deixem abortar, se não falam que deixem falar. Então a Palmira ou eu, retruca mal falada, “é que nem fodem, nem deixam foder”. E penso no muito que tem que ver a língua com o sexo, por isso a galega nunca se levou de todo bem com a igreja.

NOVAS DA GALIZA

EDITORIA
MINHO MEDIA S.L.

DIRECTOR
Carlos Barros G.

CONSELHO DE REDACCIÓN
Alonso Vidal, Antom Santos, Iván García, Helena Irimia, Eduardo S. Maragoto, Olga Romasanta, Carlos Calvo, Paulo Vilasnim, Xoán R. Sampeiro, Aarón L. Rivas, David Canto

DESENHO GRÁFICO E MAQUETACIÓN
Miguel García, Carlos Barros, Manuel Pintor

IMAGEM CORPORATIVA Miguel García

FECHO DA EDIÇÃO 22/06/09

INTERNACIONAL
Duarte Ferrín

COLABORAÇÕES
Zéla García, José E. Vicente, Sole Rei, María Álvarez, Vera-Cruz Montoto, Xiana Árias.
Opiniom. Gustavo Luca, Maurício Castro, X. C. Ansia, Santiago Alba, Daniel Salgado, Kiko Neves, J.R. Pichel, Carlos Taibo, Celso Á. Cácamo, Jorge Paços, Adela Figueroa, Joám Peres, Pedro Alonso, Luís G. ‘Foz’, Alberte Pagán, Concha Rousia, Xurxo Martínez, Alexandre Banhos, Raul Asegurado, Miguel Penas.
Cronología. Iván Cuevas.
Música. Jacobo Pintor.
Galiza Natural. João Aveledo.
Sexualidade. Beatriz Santos.
Língua Nacional. Valentim Fagim.
Desportos. Anxo Rua Nova, Xavier S. Paços.
Cinema. Francesco Traficante

FOTOGRAFIA
Arquivo NGZ
Natalia Gonçalves
Galiza Independente (GZI)

ADMINISTRAÇÃO
Irene Cancelas Sánchez

HUMOR GRÁFICO
Suso Sanmartín, Pepe Carreiro, Pestinho+1, Xosé Lois Herme, Gonzalo Vilas

CORREÇÃO LINGÜÍSTICA
Eduardo Sanches Maragoto
Fernando Vázquez Corredoira
Vanessa Vila Verde
Mário Herrero (Suplemento)

D. LEGAL: C-1250-02 / As opinións expressas nos artigos non representan necesariamente a posición do periódico. Os artigos som de livre reprodución respectando a ortografía e citando procedencia.

MOBILIZAÇÃO E SOLIDARIEDADE

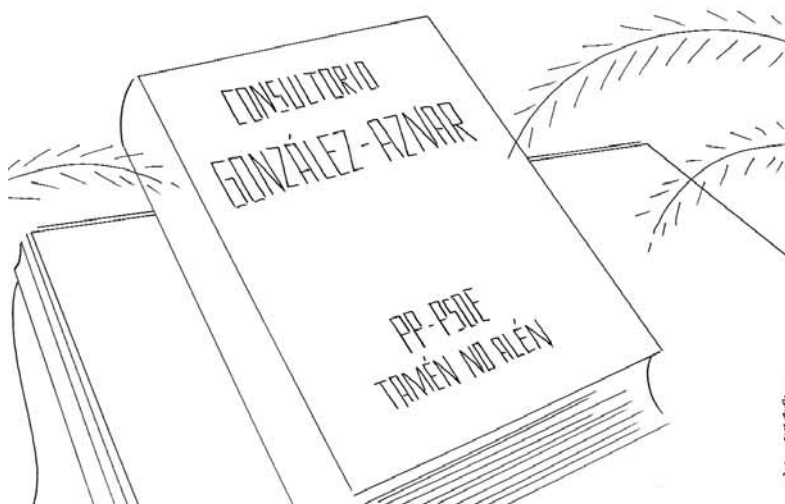
As mobilizações do metal e do sector leiteiro racham algum dos códigos nom escritos da correção política. Opinadores, políticos e sindicalistas dependentes do poder advertem contra o protesto nom regrado. Partindo da premissa falaciosa de que mobilizados e dominantes partem de umha situação de igualdade ideal, apenas caberia a *performance*. Os danificados teriam que encenar um descontentamento manso e criativo, a ver se assim comovem os que mandam. Para quem se afasta do protocolo mobilizador, os meios preparam a moralina mais estrita. As sabotagens, as barricadas e o leite entornado seriam ameaças contra os direitos de todos.

Porém, e como é sabido, o primeiro direito negado é a subsistência digna ameaçada; o segundo, a gravosa hipoteca contra os direitos produtivos do País; o terceiro, a possibilidade de expor reivindicações e programas sem o filtro da mentira mediá-

tica. Contra estas verdades elementares peleja toda a artilharia dos discursos, na maior parte dos casos redigidos por ex-esquerdistas raivosos e conversos. O seu grande objectivo, alimentar umha dessolidarização geral que afaste as lutas do agro e do metal do interesse do comum. Nom surpreende que o lema “yo elijo”, escolhido polo espanholismo ultra nas passadas eleições, valha de emblema para os adalides do individualismo: que ninguém altere a vida pessoal de ninguém, e quem tiver problemas que os solucione em solitário e em silêncio.

As lutas populares dependem da força e determinação dos sectores envolvidos. Mas também da sua capacidade de gerar solidariedades transversais que saltem barreiras geográficas, corporativas e salariais. É este o interesse comum que o soberanismo sempre soubo potenciar, e que se fai de novo imprescindível.

PEPE CARREIRO





NOTÍCIAS



Intensificam-se as mobilizações do metal enquanto crescem as vozes a favor de umha greve geral nacional frente à crise

REDACÇOM / Continuam as mobilizações e as greves do metal da província de Ponte Vedra caracterizadas pola força e unidade dos trabalhadores, a intransigência do patronato no momento de fazer concessões e a brutalidade policial. No transcurso deste mês sucederom-se as marchas nas principais cidades implicadas no conflito, as ocupações de sedes bancárias e de lugares emblemáticos relacionados com o sector e numerosos cortes de trânsito, assim como confrontos entre a polícia e os trabalhadores.

No fecho desta edição, a 22 de Junho, contabilizavam-se já 14 jornadas de greve que tinham provocado importantes perdas económicas, tanto para os trabalhadores como para os empresários. Nesta mesma data os sindicatos anunciavam a continuidade das greves para toda a jornada desde o dia 22, anunciando para o dia 25 umha greve geral para todo o sector do metal, tanto para as empresas sob o convénio colectivo do sector como para as que dispõem de convénios próprios, como a Citroën.

Em palavras de Antón Alcántara, secretário confederal de negociação colectiva da CIG, “se os empresários continuarem a enganar o conflito como estão a fazer, a greve geral tem que ser um assunto do qual tenhamos que falar, começando-o a pôr em cima da mesa já”. O patronato abandonou em reiteradas ocasiões as negociações de maneira unilateral e os sindicatos aguardam retomar o diálogo a partir do

dia 22, em paralelo ao desenvolvimento de novas jornadas de greve.

Reivindicações básicas para um convénio digno

As exigências sindicais centram-se em dous pontos básicos: um incremento salarial proposto de 6% -que estão dispostos a rebaixar até aos 4%- e a regulação das jornadas laborais com base no convénio para evitar abusos patronais. Pola sua parte, o máximo que chegou a oferecer o patronato no âmbito salarial foi um incremento de 2% no primeiro ano e a adaptação ao IPC com um acréscimo do 0,5% no segundo. Posteriormente, retiraram a proposta e sugeriram manter o convénio actual congelando os salários, o que foi respondido polos trabalhadores com a intensificação das mobilizações.

Divisom entre o patronato

Enquanto boa parte dos empresários do naval apostam em aceitar as reivindicações laborais para solucionar o conflito, sectores vinculados com a automação e outros também incluídos no mesmo convénio pressionam o resto do empresariado para impedir qualquer tipo de avanço nas condições laborais. Algumas empresas pretendem optar por convénios próprios com incrementos salariais como via de saída. Esta fórmula foi interpretada polos sindicatos como umha maneira de dividir os grevistas para deter a força colectiva e individualizar as negociações. Outras empresas - mais de cinquenta - passam

directamente a ameaçar os trabalhadores com deslocalizar a produção para Portugal.

Greve intensa e continuada

A greve do metal ponte-vedrés está a converter-se na mobilização laboral mais longa, intensa e numerosa da última década. O paro geral do sector metalúrgico paralisava a actividade laboral em toda a província a 12 de Junho com um êxito notável, chegando a impedir o turno de noite da Citroën por falta de subministro e forçando durante o dia os ritmos de produção a menos de 50% do habitual.

Começando com jornadas de greve intermitente, as paralisações passaram a ser continuadas e a tempo parcial a partir da segunda quinzena de Junho, com o objectivo de mitigar os efeitos sobre os trabalhadores, calculando a intensidade das acções contra o patronato e forçando os operários que estavam a ficar nas suas casas a implicar-se ao terem que ir aos seus trabalhos por nom paralisar a totalidade das jornadas laborais.

Como mostra da nova estratégia, os dias 16 e 17 os objectivos dos grevistas centraram-se em paralisar os concessionários de carros da cidade de Vigo, dado que

este sector estava a ser o mais reticente a aprovar avanços nas concessões patronais.

A partir da segunda-feira 22 espera-se que sejam retomadas as negociações, enquanto os sindicatos questionam o interesse do empresariado por solucionar o conflito, assim como o papel passivo da Junta na sua mediação e a função criminalizadora que estão a protagonizar os meios de comunicação social.

O convénio colectivo do metal em Ponte Vedra afecta directamente umhas trinta mil pessoas que trabalham em perto de duas mil empresas.

Atacam de forma simultânea a vivenda do líder de umha associação patronal do metal, um concessionário e um banco na área de Vigo

REDACÇOM / Duas bombas incendiárias contra a vivenda de José Alonso Rodríguez, presidente da associação patronal Instalectra e integrante da mesa de negociação do convénio do metal ponte-vedrés; três veículos calcinados num concessionário da Renault em Nigrán, e a explosom de umha panela com pólvora que destruiu umha sucursal de Caixa Galicia em Vigo, sucederom-se durante a madrugada do passado dia 17 de Junho, em plena greve do sector metalúrgico na província.

O delegado do Governo espanhol na Galiza, Antón Louro, apontou a autoria de “grupos ultraminoritários” numha velada alusom à resistência galega, enquanto os três sindicatos principais no con-

flicto se demarcavam das sabotagens. Se bem que UGT e CCOO procedessem a condená-las, o responsável pola negociação colectiva da CIG, Antón Alcántara, optou por evitar pronunciar-se ao respeito ainda que destacando que os sindicatos contavam com as suas próprias forças e nom tinham relação com os factos. A conselheira de Trabalho da Junta, Beatriz Mato, manifestou temer a possibilidade de “batasunização” da negociação colectiva, enquanto a Confederação de Empresários de Ponte Vedra responsabilizava dos ataques as centrais sindicais.

No fecho desta edição, o 22 de Junho, umha bomba de palenque fazia explosom na sede da fontanaria Foncalor de Vigo.

Reivindicam sabotagem contra a sede do INEM em Caldas

Umha reivindicação anónima recebida polo Novas da Galiza no mesmo 17 de Junho assumia um ataque contra a sede do INEM em Caldas de Reis com dous ‘coquetéis molotov’ sem precisar a data do mesmo. A sabotagem, que nom teve transcendência mediática e que esta publicação nom pudo verificar, era justificada na comunicação emitida como resposta à “humilhação” que implica a “precariedade”, apontando a que “a violência diária de Espanha e o capital (...) deve ser respondida”. Chamam a “dar-lhes lume” aos responsáveis da “sua crise capitalista” e concluem o texto com a palavra de ordem “Adiante a resistência galega”.



PAULA FERNANDES

1.500 pessoas manifestam-se em Cangas contra o projecto de urbanizaçom e porto em Massó e a especulaçom imobiliária

REDACÇOM / Aproximadamente 1.500 pessoas mostraram em Cangas a sua rejeição ao projecto de urbanizaçom que a empresa Marina Atlántica -participada por Caixanova e o Grupo Puentes- promove nos terrenos da antiga conserveira da família Massó no Salgueiro, numha convocatória organizada pola Confraria de Pescadores Sam José e a rede de colectivos Galiza nom se Vende. Os participantes exigírom a suspensom imediata dos trabalhos de construçom de um porto desportivo na zona, conscientes de que

implicará a desaparición de um importante banco marisqueiro de que dependem mais de 500 empregos. As obras, contra as quais protestam diariamente marinheiros, vizinhos e membros do Foro Social, estão a levar-se a cabo com um relatório contrário da Conselharia de Pesca e apesar dos processos judiciais abertos.

A manifestaçom partiu da Alameda Velha no passado dia 20 às oito da tarde e após percorrer o centro urbano acabou na casa consistorial por volta das dez da noite. Tanto ao começo como ao

final, os convocadores, entre os quais nom figurava nenhum dos partidos políticos maioritários, dérom leitura a vários manifestos nos quais se salientavam as irregularidades que rodeiam a tramitaçom do projecto e nas consequências negativas que se derivariam da sua execuçom.

Umha faixa em que podia ler-se "Tu que vives do mar, une-te e defende o teu posto de trabalho. Nom ao porto desportivo" abria o caminho a centos de pessoas, membros de associaçom culturais e desportivas, colectivos ecologistas,

formaçom políticas e juvenis, representantes de outras cooperativas pesqueiras da Ria de Vigo, concelheiros e cidadãos em geral, que proferírom palavras de ordem como "Caixanova especuladora", "Governe quem governe, Cangas nom se vende" ou "Clara Millán, yes we can". Foi precisamente a regedora nacionalista um dos principais alvos das críticas, até o ponto de se reclamar a sua demissom, ao entenderem os manifestantes que nom está a fazer todo o possível para deter as obras.

Os tractores tomam Compostela em defesa do agro galego

REDACÇOM / A divisom entre as organizaçom representativas do sector agrário -Sindicato Labrego Galego, Unions Agrárias e Jovens Agricultores- nom impediu que em 17 de Junho uns 2.000 tractores marchassem cara as principais vilas e cidades do País em defesa do agro galego em geral e do sector leiteiro em particular. A tractorada mais numerosa foi a de Compostela. Na capital galega juntárom-se perto de mil veículos que provocárom notáveis retençom no trânsito, logrando o objectivo de visibilizar o conflito.

As tractoradas só tivérom o apoio do SLG e de umha nova organizaçom criada nos últimos meses, autodenominada 'Ganadeiros Unidos'. Precisamente filiados a esta organizaçom tomárom-se protagonistas no dia seguinte à tractorada, 18 de Junho.

Para essa data estavam previstas açom informativas -estas sim, de carácter unitário- de SLG, UU.AA. e XX.AA. em espaços de grandes multinacionais da distribuiçom, para a clientela con-

hecer qual é a situaçom do leite em origem e qual a do produto que compream. No entanto, membros de Ganadeiros Unidos improvisárom a sua própria açom retirando algo mais de um cento de caixas de um estabelecimento de Compostela e vertendo perto de mil litros de leite.

Também em Bruxelas

Os protestos estendérom-se também a Bruxelas, sede da Uniom Europeia. Centos de tractores colapsárom no dia 18 algumas das principais artérias da capital belga reclamando um preço mínimo para o leite e umha mudança substancial das actuais políticas agrárias, nomeadamente que nom se suspenda em 2015 o actual sistema de quotas de produçom. A Galiza também estivo representada nessa mobilizaçom com a participaçom de Lúdia Senra, secretária de Organizaçom do SGL e responsável do Sector Leiteiro na Coordenadora Europeia da Via Campesina.



Detençom e cargas contra vizinhança de Ponte Areias em protestos por obras de Fomento na estrada N-120

REDACÇOM / Umha forte carga policial que provocou cinco feridos e sete detençom foi a resposta da unidade de antidistúrbios da Guarda Civil contra os protestos da vizinhança dos lugares de Canedo e Sam Vicente polos efeitos da construçom de umha rotunda na estrada N-120 no passado dia 16 de Junho. O presidente da associaçom vicinal Luis Pardo e o militante de Nós-UP Abraám Alonso förom levados para o quartel de Salvaterra sob a acusaçom de resistência e coaçom.

Vizinhos e vizinhas pretendiam paralisar as obras no enquadramento das mobilizaçom que vinham desenvolvendo nas últimas semanas e depois de estabelecer um acampamento popular no mesmo lugar. O número de efectivos da Guarda Civil era

quase o mesmo que o de manifestantes e entre as pessoas agredidas encontrava-se mesmo um frade do convento de Canedo que também criticou a intervençom policial. No mesmo dia 16, por volta de cento cinquenta pessoas contentravam-se perante a sede da Câmara Municipal de Ponte Areias em apoio às reivindicaçom de Canedo e Sam Vicente.

As reivindicaçom centram-se em modificar o projecto de obra que soterrará um regato utilizando canos que nom dispõem de capacidade suficiente para canalizar o crescimento do caudal no Inverno. Dous dias depois deste protesto, o próprio Ministério de Fomento recuava anunciando a revisom das obras tendo em conta os defeitos assinalados pola comunidade vicinal.

CRONOLOGIA

◆ 10.05.2009

Guillermo Vázquez, candidato da UPG, eleito novo porta-voz nacional do BNG com 55% dos votos dos delegados. Alberto Núñez Feijóo renova como presidente do PPdeG com 99,1% dos apoios.

◆ 11.05.2009

Audiência Nacional espanhola considera provado que o delegado da Junta em Ourense, Rogelio Martínez, certificou obras inexistentes e defraudou ajudas.

◆ 12.05.2009

Parlamento galego pronuncia-se por unanimidade contra a instalaçom de parques eólicos marinhos na costa, aceite polo governo espanhol.

◆ 13.05.2009

150 trabalhadores de Emesa concentram-se às portas da sede da empresa em Coirós para exigir a readmissom de 22 operários despedidos.

◆ 14.05.2009

Greve no ensino médio convocada pola Mocidade pola Língua organiza manifestaçom em Padrom, Ordes, Vila Garcia, Vigo e Compostela. Nesta última cidade, o percurso acaba com a ocupaçom simbólica do Escritório de Política Lingüística.

◆ 15.05.2009

Câmara Municipal de Vigo fecha o único albergue público para as pessoas sem lar.

◆ 16.05.2009

Ganadeiros distribuem em Compostela mais de 5.000 litros de leite galego gratuitamente. À tarde, alguns escangalham embalagens de leite francês em supermercados da cidade. Em Lugo, por volta de 2.000 pessoas manifestam-se em apoio aos trabalhadores da fábrica de Pascual em Outeiro de Rei.

◆ 17.05.2009

Mais de 20.000 pessoas manifestam-se em Compostela em defesa do galego.

◆ 18.05.2009

Duzentos trabalhadores de Caramelo afectados polo ERE manifestam-se diante da Junta para pedirem a sua mediaçom.

◆ 19.05.2009

Conselheiro do Meio Ambiente, Território e Infraestruturas,



Agustín Hernández, confirma que a Junta vai retomar o polémico plano do Executivo de Fraga para construir um viaduto sobre a ria de Noia.

◆ 21.05.2009

Após a impugnação da lista, é aceite o recurso de Iniciativa Internacionalista e poderão apresentar-se às eleições europeias.

◆ 22.05.2009

M.R.G. trabalhador de 23 anos da graveira Monteagudo, morto ao cair do andaime em que trabalhava em Padendra. Em Burela, um alvanel português morre também ao precipitar-se de umha obra.

◆ 23.05.2009

Ganadeiros interceptam em Riba d'Eu um camião de Leite Rio e esvaziam a cisterna em protesto pola decisom do grupo Lence de abandonar a recolhida em duas explorações que protestáram polos preços. A empresa responde com a ameaça de eliminar toda a recolhida se volta a haver incidentes.

◆ 24.05.2009

Segundo dados da Conselharia do Trabalho, este organismo aceitou, até 15 de Maio, 344 expedientes de regulaçom de emprego.

◆ 25.05.2009

Presidenta da Cámara Municipal de Cangas, Clara Millán, do BNG, nega-se a dar a ordem de paralisaçom das obras do porto desportivo e estas reanudam-se com vigilância policial.

◆ 26.05.2009

Detida mais de 48 horas Laura Bugallo, da CIG-Migraçom, por suposta falsificaçom documental com o único objectivo de ajudar a regularizar trabalhadores estrangeiros. Com ela som detidas três pessoas imigrantes.

◆ 27.05.2009

Operário da recolhida de lixo falece atropelado no quilómetro 5,2 da estrada AC-164, em Bergondo.

◆ 28.05.2009

Trabalhadores de Caramelo deitam ovos e pedras contra a fábrica da empresa em Agrela e a Fundação María José Jove, em protesto polo ERE apresentado.

◆ 29.05.2009

Xesús Anxo López Pintos, secretário comarcal da CIG em Trás-Ancos, condenado a nove meses de cadeia por um delito de "aten-



Dous asistentes à manifestaçom de Galicia Bilingüe mofam-se dos berros em favor do galego

Governo civil completa estratégia da Junta contra o galego com avultadas multas a manifestantes

Multado um câmara de Gzvideos acreditado como jornalista do Novas da Galiza

REDACÇOM / No âmbito político, o discurso do desprestígio; no do ensino, a ameaça de derrogar o Decreto do ensino; no administrativo, o encerramento do requisito lingüístico; e nom podia faltar o âmbito repressivo. A reacçom social que estão a provocar os contínuos ataques sofridos pola língua nos últimos meses está a merecer umha severa atitude repressiva por parte de diferentes administraçoms, com avultadas multas, expedientes e até processos penais que poderiam levar manifestantes a prol do galego à prisom. Segundo Ceivar, a Delegaçom do Governo espanhol na Galiza enviou aos domicílios de numerosos activistas notificaçoms nas quais som informados do facto de estarem multados, por montantes de até 600 euros, por participarem nos diferentes protestos provocados pola manifestaçom de Galicia Bilingüe em Compostela, no dia 8 de Fevereiro. Algunha dessas pessoas, como as que participáram na contramanifestaçom

ridiculista, nem sequer chegáram a aproximar-se a menos de 200 metros da concentraçom espanholista. Outras, retidas pola polícia quando iam jantar, figuram surpreendentemente identificadas várias horas antes nos informes policiais. Mas as vítimas das sançoms nom se limitam aos participantes na contramanifestaçom do dia 8 de Fevereiro. Heitor B., câmara de Gzvideos, colectivo que se destacou polo seu trabalho informativo em diferentes conflitos relacionados com a língua, também é multado com 500 euros por "participar numha concentraçom e posterior manifestaçom (...) portando umha câmara de vídeo". Heitor B., que contava com creditaçom jornalística do Novas da Galiza, realizava em Vigo o seguimento informativo da greve estudantil a favor do ensino em galego convocada para o dia 14 de Maio. Por sua vez, três activistas compostelanos fõrom condenados a indemnizar a Cámara Municipal de Compostela com perto de 500

euros e a '5 dias de localizaçom permanente' por galeguizar topónimos nas estradas dessa comarca. Com estas sançoms, somadas às impostas por ocaçom de outras manifestaçoms em defesa do galego já noticiadas neste jornal em meses passados, a pesada lousa dos castigos económicos anda perto dos 30.000 euros para o conjunto dos activistas que, de diferentes modos, estão a mostrar a sua oposiçom à espanholizaçom lingüística do País. Esta quantia, bem como outras consequências de tipo penal para os militantes galeguistas, poderá vir a aumentar nos próximos meses, à medida que se forem conhecendo as sentenças dos julgamentos que se estão a realizar.

As escolas reaccionam

Por outro lado, o inquérito que a Conselharia da Educaçom fijo chegar aos pais e maes sobre as preferências lingüísticas deles para o ensino das suas crianças

está a provocar reacçoms contrárias mui diversificadas entre a comunidade educativa e os próprios pais e maes, desde as meramente informativas até o recurso à via judicial. Com este inquérito, a Conselharia pretendia justificar futuras medidas contra o galego como língua veicular do ensino no próximo ano lectivo. Algunhas dessas medidas, ainda que pasassem despercebidas, começaram bem antes, como o facto de que a Conselharia de Jesus Vázquez nom convocasse este ano as ajudas que nos últimos 3 anos tinha disponibilizado para permitir que escolas inseridas em ambientes castelhanofalantes criassem umha linha de educaçom infantil em galego. As queixas de pais e maes que querem fazer uso deste recurso, o único que garante que as crianças podam ter um sensível contacto com a língua, nom tardou, e fai prever umha grande conflituosidade lingüística nos centros educativos em passando o Verão.

Constituem a cooperativa de serviços financeiros éticos e solidários Coop57 na Galiza

REDACÇOM / A cooperativa financeira que pretende "fomentar a poupança solidária e o investimento ético para desenvolver projectos de economia social e solidária" Coop57 Galiza constituiu-se no sábado dia 30 de Maio no compostelano Centro Sócio-Cultural do Castinheirinho. Funcionará como umha espécie de banca alternativa para fomentar o cooperativismo e

os projectos colectivos de carácter social oferecendo créditos para desenvolver iniciativas ou adiantando a cobrança de subsídios para as entidades promotoras.

Inicialmente parte com o apoio de 16 entidades do âmbito associativo e cooperativo, entre as quais se encontra a Federação de Cooperativas Sinerxia, que actua como promotoras e sócias,

assim como 25 entidades associadas em regime de colaboradoras.

O projecto Coop57 conta com especial arraigamento nos Países Cataláns e também secçoms territoriais em Aragom, Madrid e Andaluzia, que enviáram representantes à Assembleia Constituinte do projecto galego.

Na reuniom de Compostela os colectivos e pessoas pro-

motoras aprováram os seus estatutos e regulamento, assim como os cargos do Conselho de Secçom e os representantes galegos no Conselho Reitor de Coop57, como também os integrantes da Comissom Social e a Técnica.

Disponibilizam mais informaçom sobre as suas iniciativas e serviços através do portal web www.coop57.coop.

Javier Farto, da Associação de Afectados do AVE Tramo Corunha-Betanzos

“O que nós reivindicamos é umha mudança de modelo, umha aposta no trem de proximidade”

CARLOS CALVO / Javier Farto é presidente da Associação de Afectados do AVE Tramo Corunha-Betanzos. Situada na freguesia cambresa de Anceis, há mais de dous anos que están a manifestar-se em defesa do trem de proximidades, ameaçado polo AVE. De umha perspectiva ambiental, um dos pontos mais emblemáticos da comarca, a fraga de Cecevre, também poderia ser gravemente afectado. Destas e mais cousas falamos com ele.

Mais de 3.000 alegaços contra o traçado do AVE na vossa comarca, juntas informativas, concentrações... Levades já muita actividade às vossas costas. Comenta-nos como surgiu a vossa associação.

A nossa associação surgiu com a aparição no BOE de 12 de Janeiro de 2007 do Estudo Informativo do Trem de Alta Velocidade no trecho Corunha-Betanzos. Desde entom, estamos a lutar contra isso por meio de diferentes actuações. Isto inclui manifestações, concentrações, notas de imprensa, reuniões com as autoridades municipais, autonómicas e estatais; conferências, exposições, juntas para informar os afectados e decerto que ainda me esqueço de algunha.

E temos que continuar com as reivindicações. Em finais de Maio de 2009, o Ministério do Fomento enviou um novo documento compreensivo, que é um documento prévio a um futuro estudo informativo. Com este documento compreensivo demonstram nom ter aprendido nada, já que o único que propõem é umha modificação de traçados do trem mal chamado AVE. O que nós reivindicamos é umha mudança de modelo, umha aposta no trem de proximidade. Por isso, a 12 de Junho realizamos umha junta para explicar as modificações deste documento.

Quais as principais agressões do AVE para o meio ecológico e social?

Este tipo de infraestruturas trazem sempre com elas a fractura

das terras por onde passam. Afecta muitas estradas e caminhos, que desaparecerám, e também toda a indústria e serviços da zona. Este caso nom é umha excepção: a geografia dos municípios afectados (Cambre, Culheredo, Avegondo, Carral) veria-se totalmente prejudicada. Outra cousa, já totalmente evitável, é que os traçados atravessam zonas de grande interesse ecológico e cultural: a citada fraga de Cecevre e o rio Mero som um par de exemplos. Queremos denunciar que, ainda por cima, é umha trapalhada, já que o estudo inicial foi feito com planos mui antigos, em que faltavam muitas casas.

Mas o problema fundamental é o engano. Falam de um AVE, de um trem de “alta velocidade” quando só oferecem um trem de altas prestações: é um AVE de terceira divisom. Estám a construir todo o Eixo Atlántico, o “AVE”, investindo o menos possível. O que tampouco contam é que isto significará o levantamento das antigas vias. Já nom teremos trem de proximidade.

Polo que parece, o governo municipal nom ajudou muito com as reivindicações da vizinhança. Como están a levar o caso agora?

Na associação opinamos que a postura das autoridades municipais de Cambre sempre foi pouco clara. A sua postura oficial no antigo estudo informativo foi a rejeição do traçado, mas substituindo-o por outro. As autoridades



municipais nom rejeitáram o modelo, o engano deste AVE, simplesmente propugérom mudar o traçado por outro. O problema é o mesmo; unicamente o mandam a outra gente. Ademais, o levantamento da antiga via provoca suspição: ficará muito terreno em que a câmara municipal poderá construir.

Actualmente, temos um documento compreensivo prévio a um novo estudo informativo. Este documento propom três corredores, os três igualmente prejudiciais. As câmaras municipais e entidades afectadas tenhem até finais deste mês de Junho para apresentar as suas propostas. Veremos o que este propom.

Denunciades que o AVE nom arranja os problemas de transporte que tendes e, aliás, divide de forma absurda a comarca. Pensades que o AVE pode ser umha forma de transporte elitista ao eliminar o trem de proximidades?

No sul de Espanha há muita gente que opina que o AVE sim é um transporte elitista. Mas sem entrar nisso, já que isto

nom é um AVE, o certo é que, tal e como está concebido, o Eixo Atlántico implica a eliminação do trem de proximidade, já que em todos os lugares onde está a passar está-se a eliminar os antigos apeadeiros e a gente está a ficar sem serviço. O trem de proximidade, o verdadeiro elemento vertebrador da nossa comunidade, está, com a construção do Eixo Atlántico, cada dia mais longe.

Nom queremos com esta opinião parecer uns reaccionários. Nom somos contra o AVE como conceito. Mas o que nom queremos é que todos os orçamentos que se vam gastar, que todas as moléstias, expropriações, etc., sejam para implantar um falso AVE.

Numha das vossas manifestações tivestes apoios de outras associações do sul da Galiza. Estades inseridos a nível galego na luta pola defesa do trem?

Nom formamos parte oficial de nengumha plataforma global, mas sim que temos prestado apoios a outras associações que están lutando polo trem de proximidades nessa zona.



tado a agentes da autoridade” e outro de “lesons” após umha carga brutal da polícia contra as mariscadoras de Mugardos.

◆ 30.05.2009

Por volta de mil pessoas manifestam-se em Lugo contra o encerramento da fábrica de Pascual.

◆ 31.05.2009

Mais de 2.500 pessoas participam na manifestação de Galiza nom se Vende em Vigo.

◆ 01.06.2009

R.F.Q., condutor de um camiom cisterna que transportava gasoil, falece ao capotar o veículo à altura da ilha de Cortegada.

◆ 02.06.2009

Julgado funcionário da cadeia da Lama por oferecer benefícios penitenciários a umha reclusa em troca de relações sexuais.

◆ 03.06.2009

Operário imigrante morto ao cair polo buraco do elevador enquanto trabalhava num prédio em obras em Narom.

◆ 05.06.2009

Umhas 50 trabalhadoras da empresa Galfrio, de Marim, ocupam duas horas e meia o edifício administrativo da Junta em Vigo em protesto polo encerramento da fábrica.

◆ 06.06.2009

Ferido grave um traballador de Canteiras Fernández em Carvalheda de Val d'Eorras ao ser esmagado por umha máquina.

◆ 08.06.2009

Segundo dados do Ministério do Trabalho e Imigração, 9.358 trabalhadores galegos virom-se afectados por algum ERE neste ano.

◆ 09.06.2009

Por volta de três mil pessoas manifestam-se em Vigo por um convénio digno e contra a repressom.



Antom Árias Curto será homenageado

REDACÇOM / O histórico militante independentista Antom Árias Curto receberá uma homenagem nacional no próximo dia 4 de Julho na cidade em que está a residir actualmente, Vigo, concretamente no centro social A Faísca.

Nascido na Terra de Lemos em 1944, o activista implicou-se desde muito novo, em pleno Franquismo, na luta pela liberdade nacional e social da Galiza. Após a Transição, Curto passou a aderir até à actualidade aos diferentes projectos postos em andamento pelo movimento independentista, salientando sobretudo na co-fundação da Luita Armada Revolucionária (LAR) e do Exército Guerrilheiro do Povo Galego Ceive (EGPGC). O acto de homenagem, promovido pelos centros sociais da Revolta e a Faísca, começará às 20h00 e contará com actuações musicais e a presença de amigos e companheiros das diferentes iniciativas políticas abertas por Árias Curto.

A CIG reforça as posições de esquerda e abre passo a críticos na executiva no quinto congresso

REDACÇOM / O quinto congresso da Confederação Intersindical Galega realizado em Compostela entre o 20 e o 21 de Junho reelegeram Suso Seixo como secretário geral com uma ampla maioria dos votos e abre as portas a uma nova Executiva em que 4 dos seus 12 membros partem das candidaturas alternativas que se apresentaram. Entre estas destaca a promovida pelo Movimento pola Base (e apoiada por Nós-UP), que obteve 2 representantes e consegue um resultado melhor do previsto com base a fontes desta organização, que apresentava por primeira vez uma lista própria. Os outros dois postos da Executiva Confederal recaíram no sector herdeiro da linha histórica de Unidade Galega, encabeçado por Manuel Currás e que contava com o apoio de Fernando Acuña,



Nova executiva escolhida o domingo 21 de Junho em Compostela

e no Colectivo 10 de Março, que conta também com independentistas nas suas filas.

Durante o plenário houve consenso geral a respeito da linha sindical desenvolvida pela CIG e os debates centraram-se em aspectos organizativos assim como na

relação entre a central e o BNG após a experiência da organização nacionalista no governo da Junta.

Como estava previsto, a chamada maioria sindical, respaldada pela UPG, o Movimento Galego ao Socialismo e a Corrente Sindical de Esquerdas (que

conta com integrantes da FPG), foi a vencedora do Congresso, conseguindo dotar de maiores quotas de poder à Executiva. No entanto, os sectores críticos conseguiram anular a criação de uma Comissão Disciplinar permanente, mantendo o sistema de garantias e os procedimentos aprovados antes deste plenário.

A orientação de esquerda da central ficou reforçada após este Congresso, no qual a linha que caracterizava Unidade Galega ficou reduzida a posições minoritárias. A nova executiva reflecte uma ampla pluralidade em que cobram peso militantes de organizações independentistas e na qual a UPG não é maioritária.

A partir de agora iniciam-se os processos para escolher as estruturas de direcção territoriais da confederação sindical nacionalista.

INTERNACIONAL

A luta indígena continua na Amazônia

DUARTE FERRÍN / O Tratado de Livre Comércio (TLC) entre os EUA e o Peru foi assinado em 2005, provocando grandes mobilizações de camponeses, e entrou em vigor em Fevereiro de 2009.

Este tratado elimina as barreiras ao comércio, baixa os impostos para transnacionais e aumenta os lucros para qualquer investidor especulador.

Com base na lógica do presidente do Peru, Alan García, para converter todo em mercadoria, o governo solicitou ao Congresso poder para legislar assuntos relacionados com a aplicação do TLC através de decretos legislativos. Em Dezembro de 2007, o Congresso dá ao governo plenos poderes para legislar por decreto, durante seis meses, assuntos relacionados com o TLC. Abrangido por estes poderes, produz 99 decretos que som a base da actual controvérsia, uma vez que irá facilitar a expropriação, a desflorestação e a destruição das terras indígenas, abrindo a Amazônia para a exploração madeireira, mineira e de petróleo, o que significa a morte para as comunidades indígenas, e para a selva amazónica.

García destinou mais de 70% da Amazônia peruana para as companhias petrolíferas. Entre as companhias petrolíferas transnacionais beneficiadas estão Repsol-YPF, que tem uma área de 886.000 hectares



na região amazónica, a colombiana Ecopetrol, a francesa Perenco e a Argentina Pluspetrol, que pretendem entrar noutras áreas.

Em Agosto de 2008, umhas 1.350 comunidades indígenas unem-se para exigir ao Governo a revogação destes decretos com que se pretende validar a apropriação indevida das suas terras comunais para fins privados. A mobilização conseguiu a revogação de dois decretos-leis e a promessa de discutir o resto.

Cansos de esperar, em 8 de Abril de 2009 voltam as mobilizações para exigir a revogação dos decretos restantes, bloqueando, em dois rios, 40 barcos das companhias energéticas e saindo mais de 30.000 pessoas para as ruas.

As mobilizações vão em aumento com cortes de estradas, rios e caminhos-de-ferro, para além de tomadas de aquíduos que trans-

portam petróleo e gás.

Em 9 de Maio é decretado o estado de emergência em nove municípios da selva, sendo suspensos os direitos constitucionais de liberdade e segurança pessoal.

As mobilizações continuam a crescer e, no dia 26 de Maio, há uma mobilização em massa em Lima em solidariedade com a luta da Amazônia.

A 5 de Junho as forças repressivas do governo de Alan García disparam indiscriminadamente, de terra e com helicópteros, contra as pessoas que bloqueiam a rota transamazónica de forma pacífica, muitas delas dormindo, causando pelo menos 50 mortos, 140 feridos, um número indeterminado de detenções e uns 400 desaparecidos. As forças policiais escondem e figérom desaparecer cadáveres, impediram a evacuação das vítimas, e não permitiram a entrada

de ambulâncias. Também seqüestraram feridos no hospital. Alguns indígenas opugérom-se à polícia, arrebataram-lhes as armas e responderam em autodefesa, o que levou à morte de vários policiais.

A população da vizinha cidade de Bagua saiu para as ruas em apoio dos indígenas, queimando instituições estatais e locais do partido oficial. 38 policiais que estavam guardando uma estação de petróleo fôrom feitos reféns.

Em 11 de Junho as organizações peruanas convocam o Dia Nacional de Protesto, que envolveu uma série de enormes manifestações, greves e outras acções em todas as regiões do Peru em repúdio contra o massacre de Bagua e a exigência de soluções reais para o conflito na Amazônia. Incluiu 30 mil manifestantes, em Lima, gritando "A Selva não está à venda"

Em 15 de Junho, o presidente do Conselho de Ministros do Peru, por decisão do Congresso, anunciou a revogação de dois dos decretos legislativos e pediu desculpas aos povos da Amazônia.

Esta foi a maior derrota política do presidente Alan García desde que esta no poder. Os protestos indígenas e a reacção de indignação geral contra a repressão policial deixou-no isolado e confrontado com um crescente movimento social que se multiplicou por todo o país e não teve outra alternativa senão a de recuar.

A justa causa indígena e a sólida decisão comunitária de lutar até o fim, conseguiram parar a máquina de guerra e ganhar o apoio solidário em todo o país e fora dele. Não lutam para negociar, para obter algum benefício sectorial ou alguma demanda disfarçada de direitos; os indígenas estão exigindo respeito aos seus povos, à sua identidade, às suas culturas e à preservação do meio ambiente, quer dizer, à íntima ligação de "Vida - Mãe Natureza". Erguem-se e lutam contra uma concepção de desenvolvimento que empobrece as pessoas, mata o planeta Terra e degrada os verdadeiros interesses nacionais de cada país.

Os nativos querem lembrar que ainda existem no Peru sete decretos que ameaçam com cheio os seus assentamentos tradicionais, de maneira que a luta continua.

REPORTAGEM

Numerosos casos de corrupção salpicam o governo de Feijóo em só dous meses de gestom à frente da Junta

ALTOS CARGOS DO PP DENUNCIADOS E PROCESSADOS POR IRREGULARIDADES NO EXERCÍCIO DE CARGOS PÚBLICOS

As práticas de corrupção e nepotismo que vinham caracterizando o PPdeG na Junta durante a era Fraga voltam com força inusitada ao abeiro do novo executivo. Já antes das eleições, a detençom do que fora secretário de organizaçom do partido polo caso Gürtel, Pablo Crespo, e a difusom do cobro sem declarar procedente das Ilhas Caimán por parte do cabeça de lista por Ourense, Luis Carrera, recuperavam

a presença mediática dos vícios que marcárom a identidade dumha formaçom continuamente associada ao enriquecimento ilícito através de fundos públicos. Em só dous meses de gestom, conselheiros e altos cargos do governo vírom-se salpicados por escândalos que provocariam efeitos demolidores noutras formaçoms polítics e que já están a ser investigados em diferentes tribunais.

H.C. / A renúncia forçada do candidato preferido por Feijóo para a Conselharia da Economia e a detençom do que fora secretário de organizaçom do PP com José Cuinha nom impedírom que Núñez Feijóo atingisse a maioria absoluta nas eleições autonómicas. A polémica continuava com a nomeaçom do seu conselheiro mais polémico: Agustín Hernández Fernández, que adjudicava importantes obras públicas quando era director-geral das Infraestruturas no último governo Fraga, no momento em que este se encontrava em funçons, beneficiando duas empresas para as quais depois trabalharia em postos directivos.

A polémica dos lucros empresariais do Conselheiro de Obras

Hernández Fernández, que assumiria umha Conselharia que integrava a questionada fusom das Obras Públicas, Ordenamento Territorial e Meio-Ambiente num mesmo gabinete, está a ser investigado por supostas incompatibilidades e tem diligências abertas no Julgado Nº1 de Ponte Vedra desde 29 de Maio por falsificaçom de documento público ao ter certificado no anterior governo como finalizada umha obra nom executada em Salvaterra de Minho, precisamente a cargo da Sercosa, umha das empresas que depois integraria como director de construçom que recebeu umha adjudicaçom pública na véspera da tomada de posse do governo PSdeG-BNG. As obras denunciadas nom fôrom recomçadas até finais de Maio deste mesmo ano. A outra sociedade beneficiada onde foi posteriormente colocado foi a Puentes y Calzadas, cujo crescimento empresarial está ligado às concessons de obras públicas por parte do Partido Popular.

Fraude na gestom de fundos da UE por parte dum Superdelegado

A Audiência Nacional espanhola ratificava recentemente umha sentença contra Rogelio Martínez, o superdelegado de Ourense, por fraude na concessom de dinheiro procedente do Plano Leader II da EU. A sentença obriga-o a devolver 50.000 euros concedidos para obras inexistentes a realizar por



O governo dirigido por Núñez Feijóo está a ver-se implicado em diferentes polémicas com projecçom mediática relacionadas com a utilizaçom dos cargos públicos para favorecer lucros particulares

empresas entre as quais se encontra a Cultivos Ribeiro SL, da qual é procurador. O delito teria-se cometido quando era presidente da Cámara Municipal de Arnoia. Som tamente processados o actual regedor, José Fariñas Viso, o ex-secretário do Concelho, Juan Emilio Aparicio, e Jacobo Rubín, filho do director da Expourense. Rogelio Martínez fora denunciado por fraude, falsificaçom em documento público e malversaçom na gestom de fundos. A Audiência Nacional ratificou que umha central de biomassa nom contava com a maquinaria para cuja compra recebera os fundos comunitários, tal como aconteceu com um obraidoiro de ourivesaria beneficiado na distribuicm de dinheiro da UE.

Parlamentar reparte dinheiro comunitário para o bar da família

O deputado autonómico e portavoz do PP no Concelho de Ourense, Enrique Nóvoa, autorizou a entrega de 18.000 euros para o bar Amador de Cudeiro quando era vereador na cidade das Burgas em virtude de um subsídio dirigido à valorizaçom do património e do mundo rural. O objectivo consistia em converter o bar da sua família em restaurante. Da mesma verba de fundos, mais de cem mil euros iriam sufragar os gastos da

O Conselheiro de Obras Públicas e o 'superdelegado' de Ourense som investigados pola Justiça. Outros deputados e altos cargos em diferentes administraçoms utilizam dinheiro europeu para os seus negócios

construçom de instalaçoms complementares para um campo de golfe privado desta cidade.

Mais de dous milhons para a Microsoft sem concurso público

A transnacional informática Microsoft recebia umha adjudicaçom no valor de 2,2 milhons de euros em 6 de Maio passado com a assinatura de Beatriz Cufia, a secretária geral da Conselharia da Presidência. Ainda se desconhece a finalidade real deste contrato,

que se realizou sem publicar no DOG, sem consultar outras ofertas e sem nenhum tipo de relatório jurídico ou técnico que o avalizasse. Ademais, vulnera os princípios de transparência, concorrência e publicidade que devem cumprir as contrataçoms por parte da Administraçom que ultrapassam os 18.000 euros.

Baltar incrementa as contrataçoms massivas de agentes eleitorais

O presidente da Deputaçom de Ourense, José Luís Baltar, converteu esta instituicm na segunda entidade com mais trabalhadores da provincia, sendo só superada pola Coren. Entre as mais de mil pessoas de que dispom ao seu cargo encontra-se metade da Junta de Governo do PP quando presidia à Cámara Municipal da cidade de Ourense, 75 candidatos do seu partido nas municipais e 290 pessoas que foram contratadas só entre os meses de Janeiro e Fevereiro. Em plena campanha eleitoral para as autonómicas, 269 pessoas entravam a trabalhar para o ente público, entre elas 33 porteiros para um mesmo edificio (com apenas três portas operacionais), assim como 16 limpadores para o Teatro Principal. Entre as contrataçoms detecta-se umha alta percentagem de membros do PP, e familiares e amigos

destes e de empresários afins. Cada ano está a repartir beneficiando a achegados por volta de 3 milhons de euros a título de subsídios.

Imputam o Presidente da Cámara do Pinho por prevaricaçom e delito urbanístico

Manuel Taboada Vigo, presidente da Cámara Municipal do Pinho, foi imputado em 20 de Maio passado polo Julgado de Instruçom de Arqua por alegada "prevaricaçom e delito urbanístico" ao consentir o derrube sem licença de perto de setenta mil árvores para construir um parque empresarial adjudicado à Fadesa. Manuel Taboada aprovava o projecto de urbanizaçom no mesmo dia em que recebia umha ordem de paralisaçom por parte da Conselharia da Cultura. Para a compra dos terrenos, que atingem o milhom de metros quadrados, Taboada Vigo enviava aos vizinhos cartas sugerindo-lhes que os vendessem a 6,05 euros por metro quadrado, isto é, um terço do preço marcado para outros casos por parte do Júri de Expropriaçoms da Galiza.

Repartindo o dinheiro da UE para os seus negócios

Para além dos casos mencionados de irregularidades na gestom do dinheiro comunitário, fôrom muitos os casos de menor envergadura que salpicárom cargos do PP que utilizárom o dinheiro para financiar as suas empresas. É o caso do presidente da Cámara Municipal do Pereiro de Aguiar, Eliseo Fernández, que destinou mais de 150.000 euros para a ampliaçom da sua estanharia; ou o do ex-presidente da Cámara Municipal de Calvos de Randim, Antonio Rodríguez, que construía um mesom com a ajuda de mais de 90.000 euros da mesma procedência. Pola sua parte, a tia do deputado provincial e ex-presidente da Cámara da Mesquita, Francisco José Montesinos, recebia 132.000 euros para reformar umha casa de turismo rural. O sogro do vice-presidente do Parlamento, José Manuel Baltar, obtinha, também de fundos comunitários, mais de 90.000 euros para reformar outra vivenda de turismo rural.



ELEIÇÕES EUROPEIAS



Parlamento Europeu: a máscara legislativa do poder dos governos estatais

E.S.M. / Pouca gente sabe muito do Parlamento europeu. Por exemplo, quase ninguém sabe que as suas funções se distribuem por duas sedes: Bruxelas e Estrasburgo. Perguntados os cidadãos sobre este particular, mais provável seria a resposta de Estrasburgo ser um bairro da capital belga. A propaganda europeísta costuma definir o Parlamento europeu como a câmara democrática supranacional maior do mundo, equiparando as suas funções às de qualquer parlamento estatal. Para ressaltar esta ideia, tem-se falado muito do aumento de poder de Estrasburgo, nomeadamente a partir do Tratado de Lisboa, que, caso fosse ratificado pela Irlanda no Outono, entraria definitivamente em vigor, aumentando a capacidade de Estrasburgo para codificar com os Estados membros.

Este tratado faria passar o número de deputados de 736 a 751. Os novos parlamentares sairiam das eleições já realizadas em 7 de Julho; assim, da circunscrição espanhola sairiam para Bruxelas 4 eleitos mais (interessa saber que cada deputado ou deputada recebe mensalmente perto de 7.700 euros, e muito mais em ajudas de custo se assistir às sessões que lhe correspondem). Sendo verdade o aumento de poder do mesmo em relação à actual base normativa de Niza e não deixando de ser verdade que muitas leis que nos afectam, e muito, passam por ele, também é certo que o Parlamento conta com uma iniciativa legislativa mínima. Esta capacidade reserva-se em grande parte a burocratas e políticos integrantes da Comissão Europeia que nunca foram escolhidos nas urnas e que representam os diferentes governos da UE. O poder decisório, por outro lado, está coparticipado pelo Conselho da União Europeia. O procedimento de codificação é, na verdade, muitíssimo mais complicado para a compreensão do cidadão não especialista, e, afinal, acontece que nada sabemos de como nem onde se tomam decisões que nos afectam tanto como o controlo e espionagem dos cidadãos da União. Na realidade, nem sequer sabemos se essas decisões foram tomadas.

Grupos parlamentares

Na actualidade existem 7 grupos parlamentares, agrupados por afinidades. Com a entrada em vigor do tratado de

Lisboa serão necessários um mínimo de 25 deputados de um mínimo de sete estados membros para poder formar grupo parlamentar, de maneira que não é provável que venha a haver mais grupos. Para além de comunistas e nacionalistas, a maioria das decisões adoptam-se por consenso entre os dois grandes grupos, o socialista e o conservador, mas a partir de agora talvez nem seja preciso, uma vez que este último saiu amplamente reforçado das últimas eleições. Quem não estiver agrupado, fica a formar parte dos 'nom adscritos', como foi o caso de Herri Batasuna quando teve representação na Eurocâmara. Um filtro mais para as minorias nacionais e sociais que já começa com as eleições nos diferentes estados, maioritariamente circunscrições únicas. Outro dos défices democráticos mais visíveis do Parlamento de respeito às línguas oficiais no mesmo: só 23, as estatais. No entanto, dentre elas, as privilegiadas são só 3: o inglês, o alemão e o francês, às quais são traduzidos todos os textos produzidos pela instituição. Por enquanto, todos os parlamentares galegos que passaram por Bruxelas optaram por utilizar o português como língua de comunicação, um privilégio de que não puderam desfrutar outros povos com línguas minorizadas.

Voto galego

As duas forças que concentraram o voto nacionalista nas últimas eleições ficaram longe das suas próprias expectativas na Galiza, e em geral pode-se afirmar que o 'voto galego' perdeu muita força. Ora bem, considerando as alianças estabelecidas a nível estatal, tanto *Iniciativa Internacionalista-A Solidariedade entre os Povos* como *Europa dos Povos Verdes* conseguiram os seus objectivos: a primeira lista, contornar a Lei de Partidos e a segunda meter um deputado na Europa (Oriol Junqueras, de ERC), que será relevado por Ana Miranda por um período de um ano e quatro meses. Esta deputada irá integrada na ALE (Aliança Livre Europeia, que agrupa menos de 50 deputados e deputadas, entre ambientalistas, socialdemocratas e nacionalistas).

“Os resultados na Galiza foram aceitáveis, não se pode conseguir uma adesão massiva da gente em apenas quinze dias de campanha”

MANUEL BESTEIRO, CANDIDATO GALEGO DE INICIATIVA INTERNACIONALISTA

A.S. / Manuel Besteiro é militante da FPG, e foi um dos sete militantes galegos que concorreu na lista de Iniciativa Internacionalista-Solidariedade dos Povos nas passadas eleições europeias. A candidatura concitou um nível de consenso infrequente nas organizações independentistas, e movimentou uma parte significativa da base social na difusão do ideário nacional e de esquerdas. Ainda que os resultados não ultrapassassem o pequeno limiar que consegue o independentismo galego, Besteiro mostra uma “relativa satisfação”. NOVAS DA GALIZA conversou com ele sobre as eleições e a perseguição dos poderes a esta lista conjunta.



Qual foi a origem da candidatura?

A ideia procede de algumas organizações do Estado, que fazem um chamado a se juntar à volta de uns princípios mínimos, com uma ênfase especial na falta de direitos e nas limitações que o Estado põe à participação de todas as opções. O chamado tem sucesso, e acabam por se somar pessoas de todas as nações que conformam o Reino de Espanha.

Como marcou a tentativa de ilegalização?

Marcou muito. A argumentação da *fiscalia*, que não se sustinha, daria o riso, a não ser pela gravidade que tem. Já estavam os “antecedentes” das pessoas participantes na lista, que não eram antecedentes penais, mas coisas como terem assistido a enterros de militantes, terem secundado actos públicos do independentismo basco...isto, dentro do negativo, criou um ambiente solidário bastante variado, um abano relativamente amplo. Na Galiza avaliamos muito satisfatoriamente as condenações à ilegalização dos sindicatos nacionalistas, como avaliamos de maneira péssima o silêncio do BNG. Nada novo, por outra parte, dumha gente que se por algo se caracteriza é pelo medo atroz na hora de reclamar direitos.

Mudou os vossos planos a legalidade final?

Pois mudou, porque a dávamos por feita. O que acontece, como pudemos ler na imprensa espanhola mais influente, é que os poderes tiveram medo ao que se dissesse pela Europa, ante uma ilegalização sem base jurídica. É claro, o Estado prefere comportar-se como muitos agressores de género: abusos na casa, violento, e perfeito cidadão no exterior. Assim foram os espanhóis na U.E. A partir desta nova conjuntura, pois metemo-nos na dinâmica da campanha com certa precipitação e pressa, pois ficava todo por fazer.

Como se desenvolveu a campanha?

Com as pressões que podemos imaginar: pressões por falta de tempo, pressões policiais na hora de espalhar propaganda, e boicote mediático. Porque é notícia quando é ilegal, ora, se te legalizam, ninguém fala de ti, e essa é a atitude do poder mediático. Contando, fígemo-nos o que pudemos, e tivemos algum acto público de que estamos satisfeitos.

Tendes feita uma avaliação oficial dos resultados?

Ainda não, posso dar-lhe a minha, ou o que se tem falado informalmente. De maneira auto-crítica, reconhecemos que não se ultrapassou o limiar de votos habitual do independentismo galego, ou seja que não podemos estar de todo satisfeitos. Também há que ter em conta duas coisas: a falta de tempo para socializar a candidatura, as siglas, o projecto... que impede uma adesão importante. E, além disso, ainda sem quantificar, as muitas armadilhas e boicotes que decorreram na jornada eleitoral. Boletins de voto desaparecidos, votos que deveriam ser nossos e iam para o voto nulo... alguma coisa semelhante passou noutras zonas do Estado.

Pensa-se nalguma reedição para o futuro?

Muitos apostamos na continuidade. É positiva a confluência de organizações e pessoas, a partir da sua soberania própria, em favor da solidariedade internacionalista. Já estaria a linha a seguir, com a ideia de que estes resultados são mais que superáveis. E assim que avancem no nosso País os processos unitários —com parons, refluxos, dificuldades...—pois isto notará-se mais e mais.

“Pedirei o reconhecimento da autodeterminação da Galiza, no processo de alargamento interno da UE”

ANA MIRANDA, FUTURA EURODEPUTADA DO BLOCO NACIONALISTA GALEGO

ALONSO VIDAL/Neste tempo de certa disputa e debate interno no BNG, a tua eleição como cabeça de cartaz para Europa foi uma das poucas coisas aceites por todos os sectores. Como avalias esta unanimidade?

A proposta saiu da militância de base, e isso para mim foi o mais importante. Decidi com grande optimismo que devia aceitar o repto por toda a minha experiência acumulada em Bruxelas. Sinto-me orgulhosa de ter aglutinado os sentimentos internos com quase unanimidade, porque sou fundamentalmente uma pessoa de consenso e de construir pontes. Além disso, é a primeira vez que o BNG apresenta uma mulher de cabeça de lista às europeias. E vou aproveitá-lo realizando iniciativas com uma dimensão feminista e com visão de género nos debates e emendas sobre as políticas europeias.

A campanha foi muito dura, bipolarizada nos partidos estatais, com profunda discriminação por parte de alguns meios, e também, devo reconhecer, com alguns erros de comunicação pela nossa parte, mas que não fizeram decair o nosso entusiasmo nem o trabalho da candidatura. Percorremos o país inteiro, e isso foi o mais gratificante: ter um contacto tão directo com toda a gente do país e os seus sectores produtivos. Eu não sou uma tecnocrata como pensava alguma gente. A política não só é a que se faz estando nos governos; é muito importante o trabalho de base permanente, porque os governos mudam, mas a gente militante e a relação com as bases sociais tem de ser o objectivo de uma organização transformadora, nacionalista e de esquerda como considero que deve ser o BNG. Mesmo que contemos com pouco tempo de mandato oficial, vamos trabalhar intensamente para defender os interesses galegos e da nossa população. E digo mais, estou muito orgulhosa de ser a futura eurodeputada do BNG, porque isto vai garantir que a Galiza venha a estar presente.



Mas os resultados não foram bons...

Estas eleições realizaram-se num contexto de apatia e no pior dos cenários para um BNG que precisa de fazer muitas mudanças internas e modificar condutas para a sociedade com urgência, de maneira que não avalio os maus resultados em relação com as europeias nem com a candidatura senão com erros do passado e com uma dinâmica de declínio que devemos reparar, tomando decisões firmes para voltar a ter força na sociedade galega. Há muito trabalho por diante.

Mudaram de sócios para ressituar-se no espaço natural do BNG?

Com certeza. Sentimo-nos cómodos nesta coligação, no sentido do soberanismo e dos princípios e valores da esquerda. No meu caso, que simpatizo e compartilho os postulados do independentismo, ainda mais cómoda, e sei que vamos trabalhar muito bem com estes novos sócios. Isso não impede continuar a ter boas relações com o PNV por questões de soberanismo e também, sobretudo, porque no Parlamento Europeu há que tecer alianças soberanistas.

Em que período e por quanto tempo vai ser parlamentar?

Distribuir-se-á o tempo de ocupação do mandato em proporção aos votos obtidos; portanto, eu serei

Se não houver alternativas, haverá que construí-las. Não podemos resignar-nos

parlamentar por um ano e quatro meses. Eu já estou a representar o BNG na coligação, a trabalhar desde já com o eurodeputado de ERC Oriol Junqueras. Aproveitarei o Verão na Galiza para manter múltiplos encontros e planificar um programa de trabalho para 2009-2013. Não vou trabalhar só no tempo de duração oficial do meu mandato.

Mas o Parlamento europeu não é um pouco “de cartão”...

O Parlamento Europeu deve ter mais peso político, por ser a única instituição realmente legítima democraticamente. É muito decisivo, mas é bem certo que depois destas eleições há uma direitização muito forte. Convém estarmos alerta e tecermos alianças de esquerda dentro do mesmo, em especial nas temáticas sociais, dos direitos e liberdades. Houve avisos muito reveladores destas tendên-

cias neoliberais tanto em relatórios económicos como de liberdades, como por exemplo a directiva de retorno dos e das imigrantes. Temos que parar decisões que vão contra as maiorias sociais e trabalhadoras europeias.

Que pode fazer o nacionalismo galego frente a esta Europa do capital para além de se manifestar eurocéptico?

Apresentar propostas, alternativas perante a crise económica, financeira, ecológica e energética que estamos a viver. Com certeza, essas iniciativas vão fazer-se via parlamentar, através da denúncia política neste parlamento. Não se deve depreciar o trabalho que possa fazer uma única pessoa, porque aqui estamos muitos que pensamos diferente e podemos construir alianças políticas fortes para combater o dumping social e económico que está a fomentar a Europa do capital. Se não houver alternativas, haverá que construí-las; o que não podemos é resignar-nos.

Na declaração de Edimburgo, a ALE (da qual forma parte o BNG) pede a redefinição das fronteiras internas da U.E. e aposta-se na independência na Europa. Vai pedir clara e directamente no Parlamento europeu que se reconheça o direito de

autodeterminação para a Galiza?

Falamos da defesa dos sectores produtivos, da crise, dada a situação actual e a necessidade de respostas de que precisam estes sectores, mas também se falou da defesa da Galiza como nação no mundo, do reconhecimento político institucional da Galiza na União Europeia como nação sem Estado. Evidentemente, pedirei o reconhecimento do direito de autodeterminação para a Galiza, no processo de alargamento interno da União Europeia, nas minhas intervenções nos Plenários do Parlamento Europeu e em todos os assuntos que defenda nas comissões das quais seja membro.

Se a nossa língua já está reconhecida nessa instância (e mesmo foi utilizada antes pelo BNG) não é uma incoerência que estejam a reclamar o seu reconhecimento? Ou a intenção é que se reconheçam inclusive os diferentes sotaques de uma mesma língua?

O anterior deputado usou o galego na versão portuguesa, que é a que está reconhecida como língua de um Estado membro, e a que podemos usar para sermos interpretados correctamente. A versão galega não seria reconhecida pelos intérpretes. Nesse sentido, estamos comparativamente melhor que os catalães ou bascos, que não tenham uma língua de seu já reconhecida em Bruxelas e Estrasburgo. Reitero o compromisso total para usar o galego nas intervenções nas sessões plenárias do Parlamento europeu, mas o que o BNG exige, para além disso, é que seja reconhecido o galego com a norma galega reconhecida na Galiza. Outro tema é que se decida mudar a norma na Galiza, mas remeto-me à norma vigente hoje em dia. De qualquer modo, de uma maneira ou de outra, vou falar galego no Parlamento europeu. E aproveitar para defender nossa língua e o direito a viver e expressar-nos nela, para tentar desmascarar a estratégia do PP com as políticas de agressividade que estão a fomentar neste novo governo com traços absolutistas.

vozes novas

Sacha na Horta Nao Taru e os paxaros coiro
Bonovo Chiquilicua Festicultores
Novedades Carminha En-Riquinho
Planeta Grelas Banda Potemkin
Os 3 trebóns Ataque Escampe
Projecto Mourente Magnifique Bantu
Galegos Fanny+Alexander
Zimmer 103 Skárnio

• Escolma do panorama musical galego de 2009. 15 temas inéditos.

Solicitudes: encomendas@novasglz.com, 692 060 607



A FUNDO

Tentativas constantes de infiltração policial para gerar insegurança e obter dados ilegais de militantes

INDEPENDENTISTAS ACOSSADOS PARA SE FAZEREM CONFIDENTES RELATAM AS SUAS EXPERIÊNCIAS

Por palavras dos sucessivos delegados do governo na Galiza, o independentismo é um “fenómeno ultraminoritário” que apenas cumpre supervisar de tanto em tanto. Porém, se atendermos aos esforços policiais por sufocar a sua militância, crescentes ano após ano, semelha que as declarações nem sempre são sinceras. Nos últimos anos, dúzias de militantes galegos foram abordados por forças policiais, no limite da legalidade, para oferecer infiltrações.

Uma prática acompanhada de suculentas promessas económicas e garantias de segurança, que tem funções diversas. A procura de informação é prioritária para os vigilantes, mas também se pretende semear uma insegurança que mine as energias militantes. NOVAS DA GALIZA oferece o testemunho dos protagonistas, deitando luz sobre práticas sujas, onde o silêncio alimenta a impunidade.

ALBERTE MARQUES / O trabalho de aperfeiçoamento repressivo das forças policiais tem a mesma antiguidade que o processo democratizador no Reino de Espanha. Assim que se abandonavam as formas mais bruscas de imposição, próprias dumha ditadura de corenta anos, os políticos espanhóis homologavam-se policialmente à Europa. Da exibição da brutalidade passa-se à sua camuflagem, com a ajuda da mediação da vida social e o enfraquecimento dos vínculos solidários. Parte desta modernização repressiva atinge os aparelhos de inteligência, teimados em conhecer de maneira minuciosa os focos de dissidência aos quais se devem enfrentar. A proliferação de tentativas de infiltração, generosamente subsidiadas pelo Estado, obedece a esta lógica.

Precedentes numerosos

Seria exaustivo aqui analisar os precedentes desta prática, que salpa países e tempos mui distantes. No nosso país, foi conhecida o trágico papel de Mikel Lejarza, “Lobo”, um agente espanhol infiltrado no independentismo basco, que levou à morte José Ramon Reboiras e gorou a primeira frente armada do nacionalismo galego. Mais recentemente, em 2005, um ex-militante do independentismo, Francisco Vázquez Pereiro, recebia na sua morada umha carta bomba que lhe causava sérias lesões. Vázquez tinha um passado ligado ao pequeno tráfico de drogas e, depois de peregrinar por várias organizações galegas, abandonou a militância apressadamente ao despertar suspeitas no seu contorno. Jornalistas dos meios empresariais revelavam a círculos independentistas que contava com protecção policial permanente por medo a represálias.

Em contextos mais agitados que o galego, como não podia ser doutra maneira, dão-se casos célebres, onde a inteligência militar e policial acadáram os maiores graus de sofisticação. Em 2005 soubo-se que Denis Donaldson, ex-dirigente do Sinn Féin, espia vinte anos para os britânicos, trás ser ameaçado pelo M15 de revelar as suas infidelidades amorosas. O seu partido expulsou-no e umha fracção dissidente do IRA matou-no. O caso de



Por palavras dos sucessivos delegados de Interior, o independentismo é um “fenómeno ultraminoritário” que apenas cumpre supervisar. Porém, se atendermos aos crescentes esforços policiais semelha que as declarações nem sempre são sinceras

Donaldson revelou que, sem poder eliminar o “problema irlandês”, os ingleses apostaram em situar informadores eficazes e constantes na direcção do nacionalismo.

Mas existem também casos mais prosaicos e próximos do dia-a-dia dos movimentos sociais da maioria da Europa. Referimo-nos a essa constelação de pequenos movimentos de recursos precários, com reivindicações mui plurais, onde a militância é mais umha actividade de tempos livres que umha dedicação existencial; esses colectivos, que rejeitam aberta ou implicitamente a violência, e semelham não oferecer desafios abertos ao Estado, tampouco se livram da pressom. Assim aconteceu com o colectivo Espacio Horizontal contra la Guerra, que descobriu azorosamente um companheiro inesperado. Graças a fotos publicadas na imprensa sobre umha detenção em Madrid em Outubro de 2005, os activistas conheceram que o suposto “David García Martín”, voluntário militante contra a guerra imperialista, era na realidade um polícia espanhol dedicado ao combate à dissidência pacífica. De Espacio Horizontal manifestaram a sua surpresa e enfado por “se dedicar dinheiro público a vigiar um

Profissionais da mentira, misturam dados falsos com verazes, ocultam a sua intenção última, e alternam um tratamento paternalista com ameaças em tom solene. Ora, à margem do seu propósito, sabem mui bem como mesclar promessas e ameaças

colectivo que realiza acções nem violentas e públicas”. Ainda que o comunicado mostre abundantes doses de ingenuidade, dá ideia da falta de reflexo a fundo sobre o papel dos serviços secretos, mesmo nos movimentos mais conscienciosos. Para os vigilantes, qualquer informação serve, porque toda crí-

tica organizada, ainda não ameaçante, é um perigo em potência que cumpre esconjurar.

As intenções diversas do sumidouro policial

Esta vocação global é o primeiro traço que caracteriza o trabalho de inteligência. Opaco, hierárquico e corporativo, o corpo encarregado da informação sabe-se com as mãos livres para desenvolver todo tipo de vulneração da intimidade pessoal e colectiva. Há um consenso não escrito que vincula o jornalismo, a mesocracia intelectual e a judicatura para calar qualquer abuso, com honrosas excepções. Assim o revelou recentemente o jornalista catalão David Fernández. Em *Crónicas del 6 i altres històries de la clauqueira policial*, realizou umha cumprida pesquisa do Grupo VI da Brigada de Informação de Barcelona, encarregada dos movimentos populares, e herdeira directa da brigada político-social franquista. O seu labor policial atingiu todo género de dissidência que actua em Barcelona: legal e ilegal, pacífica e violenta, nacionalista e espanholista, valendo-se, aliás, de toda umha panóplia de recursos ilícitos: da ameaça ao suborno, passando pela pressão à família ou pelos amanhos judiciais.

Não por acaso, o seu máximo responsável, J. Martín Pujal, foi condenado por montar umha rede de proxenetismo e corrupção. O recente ingresso de Pujal em prisão foi o maior golpe de autoridade que se pôde dar ao livro de David Fernández, recentemente traduzido para castelhano e autêntico sucesso de vendas em todo o Reino de Espanha.

A tinta de lura

Para a maioria das pessoas consultadas por NOVAS DA GALIZA, a estratégia da “tinta de lura” é a mais utilizada pelos agentes do serviço de informação. Profissionais da mentira, misturam dados falsos com dados verazes, ocultam a sua intenção última, e alternam um tratamento paternalista com ameaças pronunciadas em tom solene. Ora, à margem do seu propósito concreto, sabem mui bem como mesclar promessas e ameaças: dão a possibilidade de rendimentos fixos ou dum trabalho melhor, apetecido por umha militância, a independentista, quase sempre atada pela precariedade e a falta de expectativas. Ao mesmo tempo, agorram futuros negros para quem continuar a militar.

Ambos os aspectos são confirmados por Diego Santim. É viguês, tem dezanove anos e não teve inconveniente em dar a cara para NOVAS DA GALIZA, denunciando assim o acoassamento padecido. Leva dous anos de militância no CS Revolta e no Foro da Mocidade. Suficiente para as forças de segurança espanholas, que o abordaram pela rua: “param-me dous homens, quando ia apanhar o bus para as aulas, e dizem-me que venham do Ministério do Interior”. Ante o desconcerto inicial, procuram o impacto: “que queeres, acabar como um Ugio ou como um Santi?” (em referência a dous presos galegos). Pretendem também prejudicar a sua situação familiar, ameaçando-o com que “vás ter que deixar a casa dos pais”. Diego conta-nos que se negou a colaborar, e manifestou que as suas actividades sociais eram públicas e notórias, pois “fazer assembleias é legal”. “Depende para que fins forem feitas”, responderam. A petição era simples: “queremos que actues como um termómetro do movimen-



Diego Santim, viguês de 19 anos, foi ameaçado por agentes do Ministério de Interior. Espetárum-lhe: "que queres, acabar como um Ugio ou como um Santi?"

to", com especial atençom aos "sectores violentos". O oferecimento, uns rendimentos fixos, sem determinar, e ganhar impunidade repressiva: "até podemos informar-te das manifestaçoms onde vamos arremeter, e tu podes estar livre dos danos". Diego conta-nos que, passado o pior momento, em que se puiu nervoso, tem vontade de "contar como actuam estes, para que a militância esteja alerta e saiba como mover-se".

Umha cousa semelhante aconteceu a um independentista que se apresenta como Roberto, e que prefere nom dar nome nem foto "por motivos laborais". Vive no sul do País e, junto com um companheiro, sofreu umha detençom ilegal. "Nem tomada de declaraçom, nem declaraçom nos julgados, nem nada". O motivo, o ataque com coquetéis molotov contra a caserna da sua cidade, dous dias antes. "Que farías tu se tentam queimar a tua casa?", perguntou um dos guardas-civis. O aspecto laboral voltou a aparecer em lugar destacado. Roberto trabalha no transporte e, sabedores das suas condiçoms, os agentes oferecerom "um choio fixo neste sector, ou ainda noutro sector da tua escolha".

Concursos amanhados e empresas fantasmas

Da alegialidade à ilegalidade, as forças policiais pulam aos passinhos. Disto dá fé A. V., moço e militante, estudante de Direito, a quem oferecerom "amanhar umha oposiçom e nom ter que se preocupar com mais

nada". O oferecimento revela o conhecimento das difíceis condiçoms laborais da militância galega, tornando possível um trabalho estável a que bem poucos podem aspirar. Em troca, pediam dados "mui concretos" de determinados militantes da AMI, em quem estavam especialmente interessados. "Tanto nos tem que milites no teu centro social, a nós o que nos interessam som estas pessoas". Esta informaçom já foi recolhida no número 64 deste jornal, difundindo a denúncia do afectado.

Um outro jovem viguês, que nom quer dar o nome, sofreu também, à sua maneira, um engano com promessas laborais. Participa de Siareiras Galegas e milita num centro social da cidade olívica. Coincidindo com umha etapa de desemprego, recebeu umha chamada dum suposto "Gabinete de Prospección Sociológica". Foi a umha reuniom com umha tal Paula Mesa no Centro de Negocios de Vigo. Lá, "com um discurso cheio de contradiçoms", informáram-no que redigiam relatórios "sobre grupos minoritários". O pagamento seria em negro, e dariam-lhe 400 euros por mês, ampliáveis se os relatórios que entregavam eram de qualidade.

Resistência galega e "independentismo amável"

Umha outra intençom dos cooptadores pode ser política. Assi no-lo expom um outro militante, que se apresenta com o nome de Lourenço. "Chamou-me um homem que dizia vir de parte da presidência do governo; falava



O Centro de Negocios de Vigo foi um lugar de reuniom utilizado por supostos membros de um Gabinete de Prospección Sociológica para tentar captar confidentes

A petiçom era simples: "queremos que actues como um termómetro do movimento", com especial atençom aos "sectores violentos". Ofereciam uns ingressos fixos, e ganhar impunidade repressiva: "até podemos avisar-te das manifestaçoms onde vamos cagar, e tu podes estar livre dos danos"

galego, mas com sotaque espanhol, nom era daqui. Também oferecia remuneraçom mensal, mas a proposta que me fijo foi curiosa. Estava disposto a pagar-me por fazer um blogue onde desse as minhas opinioms. Dixo-me: "sabemos que és independentista, mas nom te identificas com nenhum dos sectores. Era isto o que devia interessar-lhe, queriam que falasse para alimentar a polémica".

A linha argumental em favor do "independentismo amável" já foi reflectida nestas páginas. Por isso tampouco admira que o tema saia a reluzir nas conversas mais persuasivas, aquelas em que se procura colabom de maneira suave, e jogando com os melhores sentimentos. Assi o constata M.G., um dos mili-

tantes processados na conhecida "Operaçom Castinheiras". No momento de ir recolher parte das pertenças que lhe foram roubadas nas buscas policiais, foi convidado a ter "umha conversa sem compromisso" com o responsável do operativo. "Insistia em que colaborasse, mas sem recorrer a ameaças, apoiando-se na sua vontade. Dizia-me: dá-te de conta que se colaboras, podemos impedir que vaíam à cadeia pessoas inocentes, nós nom gostamos de encerrar pessoas sem culpa nenhuma". Tampouco se esqueceu de procurar a fenda entre "independentistas pacíficos" e os que simpatizam com a resistência galega. "Se nós na verdade nom temos nada contra o independentismo. Repare no bem que lhe vai aos cataláns, e sem violência", concluía o responsável.

Intimidade ameaçada

Os sectores mais rebeldes, e mais virados para formas ilegais de intervençom, sofrem o acoassamento com um zelo especial, assediados com promessas e ameaças que som verdades a meias. Mas, como pudérom comprovar os antimilitaristas de "Espacio Horizontal", o sumidoiro salpica também a cidadania mais discreta. Umha rapaza que se nos apresenta como Ana fala com NOVAS DA GALIZA do seu caso. A sua intençom, a denúncia pública. "Isto aconteceu-me há meses, mas agora decidim-me a dar-lhe repercussom, porque demonstra até que ponto pessoas sem militância estamos no alvo". Ana nom tem compromisso estável com nenhum colectivo, nem filia particular por nenhum projecto: "limito-me a participar do que considero justo". Apareceu a sua foto num acto da "Plataforma que voltem à casa", e julga que foi isso o desencadeante de tudo: "começo a receber chamadas dum guarda-civil, conhecido da minha

família, a me perguntar como me vai todo. Umha cousa estranha, porque nom tenho confiança com ele para nada". A insistência remata com um encontro numha cafetaria: "pedem-me como favor pessoal que colabore para dar dados e fornecer informaçom desses correios que recebes. Deduzo que me intervenhem os correios, enfureço-me, e corto a conversa. Mas todo isto prova como nos temhem de controlados apenas por subscrevermos certas causas".

Sem se conhecerem pessoalmente, J.P.R. confirma o caso anterior. É jornalista e "simpatizante do nacionalismo em geral", e padeceu um capítulo semelhante. "Simpatizo mesmo com o BNG, ajudo no que posso, e as cousas que me parecem bem do independentismo, pois também as subscrevo", comenta para NOVAS DA GALIZA. Durante umha temporada, aparece um guarda-civil polo bar onde pára cada dia, fazendo umha pausa no trabalho. "Numha atitude paternalista, começa a me falar das minhas amizades: Que tal o outro dia com este? E que tal o café que tomaste com aquele? Sabemos que te dás com fulano e mengano, já estamos acima deles, di-lhe que nom se escapam. Di-lhe da nossa parte que nom vam mudar o mundo". Comenta-nos este jornalista que passou uns dias difíceis: "passa-lo mal, porque nom sabes exactamente o que querem, e imaginas o pior, dás-lhe mil voltas à cabeça. Afinal, e como nom me pedírom colabom, pensei: estes querem criar intranquilidade, que te sintas sempre vigiado. O melhor é nom lhes fazer demasiado caso".

Luz e taquígrafos

As possibilidades de denunciar publicamente este assédio passaram praticamente pola cabeça de todas as pessoas afectadas. "Pensalo, claro, mas depois também pensas nos teus pais, pensas no trabalho, e dizes...para que mais sarilhos? O que queres é ficar tranqüilo". Isto é o que nos diz um dos militantes entrevistados. Ora, apesar das auto-limitaçoms, que parecem compreensíveis, a conclusom nom admite dúvida: "claro que há que o tornar público, claro, na medida do possível e na medida em que a gente se atreva. Porque esta gente move-se cómoda nos sumidoiros, sem que ninguém saiba deles, ou fazendo que os que sabem nom se atrevam a falar. E para que a gente os conheça, há que apontar contra eles um foco de luz".

CENTROS SOCIAIS

Aguilhoar Sta. Mariña · Ginzo de Limia	LSO Atocha Alta 14 Monte Alto · Corunha	A Casa da Triga P. Maior · Ponte Areias	Fervosteiro Adám e Eva · Ferrol	Gomes Galoso Monte Alto · Corunha	SRCD Palestina Rua do Ril · Burela	Sotestralo Perez Viondi, 9 · Estrada
Arrincadeira C. Histórico · Riba d'Ávia	Atrouil S. José · Corunha	A Cova dos Ratos Romil · Vigo	A Formiga Redondela	O Guindastre Xulián Estévez, Teis · Vigo	O Michel Sta. Clara · Compostela	Som un cam Rua do Vilar, 9 · Ourense
Artúria Trav. Batalhons · Ferrol	Asturjo Principal · Boiro	A Esmorça Telheira · Ourense	A Fouce do Ouro Bertamiráns · Ames	Honriqueza Outeiro Quir. Palácios · Compostela	A Ravira Arc. Malvar · Ponte Vedra	A Tiradoura Reboredo · Cangas
	Beluca Vermelha Redondela · Ponte Areias	Falsca Calvário · Vigo	O Fresco Bº da Ponte · Ponte Areias	Média Leva Amor Meilán · Lugo	A Revolta Rua Real · Vigo	CS Vogalume R. das Nóreas, 5 · Lugo



REPORTAGEM

Reforma da “Ley de Extranjería” espanhola ameaça direitos das pessoas imigrantes

ENTRE VINTE E TRINTA MIL PESSOAS RESIDENTES NA GALIZA VERÃO-SE AFECTADAS PELA REFORMA DO PSOE

Enquadrada numa política europeia que se vem caracterizando pelo fecho fáctico de fronteiras às pessoas imigrantes, o governo espanhol prepara uma reforma da “Ley Orgánica sobre derechos y libertades de los extranjeros en España y su integración social” que, como diversos agentes sociais assinalam, significará um endurecimento na discriminação da população

forânea. A restrição dos direitos já limitados virá impor mais obstáculos para uns trabalhadores e trabalhadoras que, com as suas famílias, som mais de 3 % dos habitantes da Galiza. Por parte, o anteprojecto dessa reforma incide na criminalização daquelas pessoas e colectivos mais activamente solidários com as pessoas estrangeiras instaladas no estado espanhol.

AARÓN L. RIVAS - XOÁN R. SAMPEDRO
Em 26 de Maio passado era detida em Compostela Laura Bugalho, responsável pelo departamento de Migração da Confederação Intersindical Galega na cidade. Acusada de “falsidade documental” e de “favorecer a imigração irregular”, esta activista social foi retida pela polícia espanhola durante mais de 48 horas e ainda está à espera de ser julgada. No dia 27, uma manifestação rematada em concentração às portas da esquadra policial da cidade era o primeiro dumha série de actos de solidariedade na Galiza e noutras nações do estado, sob uma palavra de ordem clara: “Defender migrantes nom é delito”.

A maior parte dos movimentos sociais considerou evidente a intencionalidade política na acção policial. Nessa linha pronunciou-se o Foro Galego de Imigração, um espaço composto por mais de 80 colectivos e associações de todo o País que trabalham no apoio a pessoas imigrantes e que se tem convertido na voz mais reconhecida neste eido. O FGI lançou um comunicado a denunciar a “criminalização da população imigrante, trasladando a perseguição às pessoas e entidades que trabalham com esse colectivo”. Um colectivo que, segundo dados do “Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales” de Março deste ano, está formado na Galiza por mais de 87000 pessoas com licenças, às quais seria preciso acrescentar outras vinte ou trinta mil que se encontram em situação irregular, segundo estimativas avalizadas.

Recorte de direitos

O governo espanhol acaba de apresentar o anteprojecto para uma reforma da “Ley de Extranjería” focada a endurecer as condições de vida das pessoas imigrantes e a perseguir as atitudes solidárias para com elas. A reforma será presumivelmente aprovada durante o Verão. No entanto, a resposta no nosso país materializou-se já na convocatória dumha manifestação para 27 de Junho convocada pelo próprio Foro Galego de Imigração.

As críticas ao anteprojecto cen-



As pessoas imigrantes som um colectivo que conta a dia de hoje no nosso país com mais de 87.000 pessoas com permisos e umhas estimacions de pessoas em situação irregular que os expertos situam entre as vinte e trinta mil

tram-se em quatro aspectos especialmente regressivos quanto aos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras forâneos e às suas famílias. Nomeadamente, o endurecimento das já restritivas condições de reagrupamento familiar, o tratamento aos menores, a ampliação do período de reclusão nos “centros de internamento” e as medidas contra quem presta apoio a pessoas em situação irregular.

No que respeita ao reagrupamento familiar (artigos 17º, 18º e 19º da lei), que podem reclamar as pessoas com licença de residência, o anteprojecto limita-o de forma considerável. Sumariamente, restringe as pessoas susceptíveis de reagrupamento à família nuclear. Além do mais, recorta direitos das pessoas assim chegadas, as quais recebem um tratamento mercantil, tal como patenteia a possibilidade de que durante o primeiro ano de estadia “os familiares reagrupados só tenham acesso às ocupações consideradas deficitárias em mao-de-obra segundo a situação nacional de emprego”.

E o aumento das restrições que sofrem as pessoas com licença de

O anteprojecto endurece as já restritivas condições de reagrupamento familiar, o trato aos menores, a ampliação do período de reclusão nos “centros de internamento” e as medidas contra quem presta apoio a pessoas em situação irregular

trabalho nom se limita a isto. Se até agora as licenças já ficavam limitadas no âmbito geográfico e laboral a uma província e um sector determinados, a reforma pretende restringi-las ainda a uma ocupação determinada.

Privação de liberdade

Os aspectos mais escuros da reforma som aqueles que regulam o tratamento dos “menores nom acompanhados” e o alargamento dos períodos de encerramento nos chamados “centros de internamento”. Estas medidas dirigem-se contra as pessoas em situação irregular, para com as quais o teor geral da reforma é claramente policial.

Ao tratar da situação dos menores, o texto insiste nos termos repatriação e retorno. O primeiro ponto do artigo 35º ao respeito refere acordos com os países de origem “que contemplam, integradamente, a prevenção da imigração irregular, a protecção e o retorno dos menores nom acompanhados”. É significativo que o critério de interesse superior do menor, formulado pela Convenção dos Direitos dos Menos, fique relegado

Se bem até o de agora os permisos já vinham acoutados no geográfico e no laboral (província e sector), a reforma pretende limitá-los ainda a uma ocupação determinada

a marcar o jeito em que se efectua a repatriação.

Quanto à reclusão máxima em “centros de internamento”, vê-se incrementada dos actuais corenta dias para sessenta. O anteprojecto consigna (art. 62º) entre os motivos para um homem ou uma mulher em situação irregular ser fechado num destes centros, logo de lhe ser aberto um expediente de expulsão, “o risco de incomparência por carecer de domicílio ou de documentação, as acções do estrangeiro tendentes a dificultar ou evitar a expulsão”. A



A expulsão é uma sanção que está a ser imposta mui a miúdo polo simples facto de residir irregularmente no Estado espanhol

expulsão é uma sanção que pode ser imposta — é-o mui a miúdo — polo simples feito de residir irregularmente no estado espanhol. Isto implica, de feito, que na prática totalidade das detenções os imigrantes sejam fechados ao jeito dumha prisão preventiva encoberta durante o processo administrativo que dará na expulsão.

Criminalização da solidariedade

O Foro Galego de Imigração afirmava, a respeito das acusações a Laura Bugalho, que “a própria legislação de *extranjería* obriga, para se poder ajudar a pessoas imigrantes em situação de irregularidade, a que [...] tenhamos também por vezes que realizar pequenas irregularidades formais. Fai parte quase do nosso trabalho e nom pode ser que estas acções (facilitar um empadramento ou um processo de arraigamento) se convertam em objecto de perseguição policial”.

Referiam-se aos mecanismos para facilitar a consecução do arraigamento, recolhido na legislação como um dos motivos de expedição de licenças de residência e trabalho para as pessoas em situação irregular. Estes mecanismos podem ser de três tipos: o familiar, aplicável aos casamentos ou ao caso de filhos nados no estado; o social, no caso de se acreditar com certificado do padrom levar três anos a morar no estado, e o laboral, para as pessoas que demonstrarem levar um ano a trabalhar numha empresa e dous de estadia.

Mais é possível que acções como a sofrida pola trabalhadora do sindicato nacionalista se fagham familiares em questão de meses, atacando este trabalho de apoio na consecução do dito arraigamento. É justamente isso o que se propom para a reforma da “ley de *extranje-*

ría” no ultimo rascunho do anteprojecto, nos artigos 53º e 54º sobre infracções.

Assi, é consignada como infracção grave, punível com multas de entre 501€ e 10000€ por cada pessoa que assi for ajudada, o “consentir a inscrição dum estrangeiro no Padrom Municipal, por parte do titular dumha vivenda habilitado para tal fim, quando a dita vivenda nom constitua o domicilio real do estrangeiro”. Isto ataca directamente as ONGs e colectivos sociais, que mantem imigrantes empadroados nas suas sedes sociais para obter o arraigamento social.

Doutra banda, a reforma coloca as pessoas imigrantes sob suspeita permanente, tipificando como infracções mui graves, sujeitas a multas dentro 10.001€ e 100.000€, duas condutas. Tanto “simular a relação laboral com um estrangeiro” como “contrair matrimónio, simular relação afectiva análoga ou constituir-se em representante legal dum menor” passam a ser infracções graves quando se realizem “com o propósito de obter indevidamente direitos consignados nesta lei [...]”. A ambigüidade do “obter indevidamente” salta à vista, o que fai temer a arbitrariedade nas decisões judiciais.

Grave era também, numha versom anterior do anteprojecto, o apoio económico às pessoas imigrantes: “promover a permanência irregular em Espanha dum estrangeiro. [...] quando o estrangeiro dependa economicamente do infractor [...]”. Na ultima versom fala-se de que o estrangeiro tenha entrado “com convite explícito do infractor”, algo que porém nom limita a pouca claridade e o carácter instrumentalizável do artigo, para punir o apoio material as pessoas imigradas.

MÓNICA ALZATE, MEMBRO DO FORO GALEGO DE IMIGRAÇÃO

“O mais crítico do anteprojecto é que seja perseguido quem busque melhorar as condições de vida de pessoas em irregularidade”

Leva 8 anos na Galiza e agora é professora ajudante na Faculdade de Psicologia da Universidade de Santiago de Compostela. Chegou da Colômbia para completar a sua formação académica. “Se o governo empregasse o dinheiro em fomentar a educação no canto de fomentar a guerra, teria um doutoramento em Colômbia para continuar a minha carreira académica”, afirma. Conseguiu a nacionalidade três cinco anos de residir na Galiza. Outros três mais estivo como estudante, mas este tempo nom conta para regularizar a situação dos imigrantes no nosso país. Activista do Foro Galego de Imigração, Mónica fala da sua experiência, e da de todos os imigrantes, e do anteprojecto de reforma da “Ley de Extranjería”.

Quais foram as dificuldades com que topache para te integrares?

O mundo da Universidade é às vezes um mundo diferente ao que é a sociedade. O mais difícil foi entrar dentro do mercado laboral. Quanto à documentação, é mui complicado demonstrar alguns conceitos que som indeterminados dentro da própria legislação e dependem da avaliação do funcionário de serviço. Ademais, o pedido tardava muito tempo a resolver-se e o Número de Identificação de Estrangeiro só o tinhas durante três meses em todo a ano. Há 8 anos que estou na Galiza. Agora tenho a nacionalidade polo tempo que estive a viver aqui.

Falas galego perfeitamente. Foi difícil aprenderes?

Acho que é fácil se se tem vontade de fazê-lo e vives num contexto de pessoas que nom mudem a sua língua cada vez que escutam falar em castelán. É assim como se aprendem as línguas. Se che falam em castelán porque és de fora é umha dificuldade engadida. Quando falas com umha pessoa galega e entendes as razões pelas quais essa pessoa fala galego é muito mais singelo fazeres a mudança do castelán ao galego.

A “Ley de Extranjería” sofreu já desde o ano 2000 várias sentenças em contra por parte do Tribunal Constitucional, a que se deveram estas denúncias à Lei?

Principalmente temem a ver com a violação de direitos humanos e



que busquem a melhora das condições de vida daqueles que se encontram numha situação de irregularidade sejam perseguidas.

Maioritariamente, em que situação venhem os migrantes que chegam?

Maioritariamente venhem polas vias normais. Quando entram em território do Estado espanhol fam-no legalmente, ainda que seja com o visto de turista. Mas conseguir os vistos é mui complicado. Há muita discricionarie-

riedade nos consulados dos países de origem. Por outra parte, na América Latina há consulados, mas em África há mui poucos, o que já impede poder migrar legalmente. As pessoas temem que se mover de um país para outro para poderem fazer os trâmites legais. Na América há muita discricionarieidade, se tens muito dinheiro é fácil conseguires os vistos, ainda que esse dinheiro nom se saiba donde saiu. Se és umha pessoa nova é-ché mais difícil conseguires o visto.

princípios fundamentais. Há que lembrar que o Estado espanhol nom assinou um convénio da ONU de protecção aos trabalhadores imigrantes e às suas famílias. Este convénio foi assinado polos países que emitem migração, mas nom os que a recebem. Dentro das faltas mais graves estão os Centros de Internamento de Estrangeiros (CIEs), onde permanecem retidos durante um período longo de tempo e nom se garantem alguns dos direitos fundamentais.

Em que piora o novo anteprojecto de lei a actual legislação?

Um dos aspectos críticos é a possibilidade de fazer reagrupação de menores a países de origem em que há dúvidas sobre a sua capacidade para protegerem estes menores. Logo está o reagrupamento familiar. Na nova legislação estabelece-se que o chegado tem que residir no mínimo cinco anos para poder trazer os pais, os quais temem que ter, por pouco, 65 anos. Também, se essa pessoa quer trazer os filhos maiores de idade, só poderia fazê-lo se estes som “incapacitados”, um conceito que nom existe. A lei incorre em imprecisões que depois vam afectar a vida de muita gente. Por outra banda, está o incremento de tempo de permanência dentro dos CIEs, que passa de 40 para 60 dias. O mais crítico de todo é a “supervigilância” que se vai fazer para quem colaborar com pessoas que tenham irregularidade administrativa e que o fagham através do que se denomina com outros termos imprecisos como “falsos empadramentos” ou “matrimónios de conveniência”. Desta forma, fai-se que as ONGs

E a partir da chegada, como se consegue a residência?

Se tu já vens do teu país de origem com um contrato de trabalho, entras com o contrato de trabalho e tramita-se aqui o referido à residência. Precisas dumha oferta de trabalho aqui pero tens que estar no teu país de origem. Se conseguies trabalho durante a tua estadia com o visto de turista, que dura 90 dias, um contrato de trabalho, tens que voltar ao teu país e aguardar polos procedimentos. Pero ninguém vai fazer um contrato para alguém que virá trabalhar em três ou quatro meses. Entom, as vias legais som pouco realistas. O que finalmente ocorre é que a gente vê. Quando fica nesta condição, se leva três anos vivendo aqui, fijo um empadramento, etc., pode fazer um processo de arraigamento, para o qual tens que ter um contrato de trabalho.

Podes aventurar umha cifra sobre a população com um status administrativo irregular na Galiza?

Na Galiza a população migrante conforma 2%, dessa percentagem 30% poderia ser irregular.



CULTURA

FRANCISCO DE LIMIAR, DA ASSOCIAÇÃO 'GALIZA COM O GALEGO'

“No ensino público ainda nom há futuro para o galego”

EDUARDO MARAGOTO / A associação 'Galiza com o galego' precisa de 3.000 pessoas associadas para avançar com um projecto que anda na cabeça de muitas famílias desde há tempo: umha escola laica em que a língua veicular do ensino seja o galego. Cada umha contibuiria com entre 100 e 200 euros por ano para pôr em andamento o primeiro centro educativo, ainda que, com o tempo, esperem a adesão de qualquer escola que o desejar se cumprir os princípios fundacionais. O grupo promotor pretende abranger todos os níveis educativos, prestando especial

atenção aos inferiores inicialmente. A independência dos poderes públicos justifica a gestão privada desta rede, mas esclarecem: “a associação procurará todos os recursos necessários para dar escola em galego a quem o precisar”. Reaparece assim o projecto que tentou levar a cabo há uns anos a VOGAL (Viveiro e Observatório de Galescolas), mas com a ideia do reintegracionismo ausente, e o português apresentado como umha língua românica mais. Fomos falar com um dos promotores da ideia, Francisco de Limiar, umha vez que ainda nom contam com cargos.

Porque é necessário este projecto?

Surge de um debate numha rede social da Internet sobre o assunto das Galescolas, à vista das intenções do governo do PP na Junta da Galiza. Nesse debate vam-se plasmando os pontos que aparecem na nossa página web (www.lmiargalego.blogspot.com). Desde o dia 16 de Abril, quando se torna público o abaixo-assinado, já superamos as 500 pessoas (e vai a mais) que están dispostas a apoiar umha rede privada de ensino em galego. O galego está a perder-se e pensamos que o único sítio onde realmente podemos contornar o problema é na escola, umha escola que o prestigie, onde os rapazes podam falar o galego. Os filhos de muitas pessoas galego-falantes acabam por ser castelhano-falantes na escola. Perdem a língua porque a ambientação é agressiva contra estas crianças. Muitos meninos chegam a casa mesmo reprimindo os pais por falarem mal. Isto vemo-lo todos os dias.

Porque o definides como 'privado'?

O contrário seria enganar. Inicialmente, ao se realizar a proposta, pudo-se optar por pôr 'cooperativo', mas continua a ser privado, ainda que nom pretenda obter rentabilidade económica. É um debate falso. Nós queremos umha rede popular, feita por muitíssima gente, e de facto tem de estar apoiada necessariamente por 3.000 pessoas. Estas pessoas fariam um contributo de 100 a 200 euros por ano, umha quantia assumível. *Se nós nom somos capazes de criar um espaço para o galego, o galego fica sem espaço.*

Também usades o termo 'popular'...

O nome inicial era 'Rede popular galega privada de ensino em galego'. Depois a comissão pré-gestora decidiu que ficasse 'Rede popular de ensino em galego'. De qualquer modo, é 'privada'; nom queremos que dependa dos poderes políticos. Nom



queremos que amanhã este governo ainda se converta em pior para o galego e nós ficarmos sem futuro. No ensino público ainda nom há futuro para o galego. Somente haverá futuro para o galego quando aqui haja um governo apoiado por umha maioria social de sensibilidade galega, algo que nom existe por enquanto. A chamada esquerda entende o de 'privado' como algo horrível. E eu pergunto: o vosso partido nom é privado? O vosso sindicato nom é privado?

Porque pensas que o movimento normalizador nom impulsiona este tipo de projectos, quando noutros povos temem tanta tradição? No debate com o PP, o ensino por modelos é inclusive definido como 'apartheid' polo nacionalismo...

Eu nom sei qual é a posição do nacionalismo formal; só sei que as pessoas nacionalistas, ou com certa posição galeguista, temem que começar a deixar o choro, a reivindicação permanente, e passar à acção.

Que cabimento teria o português?

Nós pensamos que as línguas

temem que ser ensinadas de outra forma. Nom se pode ensinar o galego como quem ensina o inglês. A língua é preciso ensiná-la dentro do seu tronco comum, e o tronco comum é o romance. Quer dizer, para além da competência total que se pode obter em castelhano e em galego, se as línguas forem ensinadas do ponto de vista comparativo, pois provavelmente consigamos umha competência em português total.

Referia-me ao português como reforço do galego...

Nom vamos discutir se galego e português som exactamente a mesma língua, mas sabemos que temem umha semelhança. Vamos conseguir proporcionar os mecanismos precisos para que na escola se alcance também umha competência plena no português de um jeito natural. Nom somos nem reintegracionistas nem o contrário. Igualmente noutras línguas romances como o francês... devem ser estudadas de modo científico, usando como língua veicular o galego, para permitir a competência de leitura nas mesmas e ademais umha razoável competência oral.

MÚSICA

Novos trabalhos de Fanny+Alexander e Ataque Escampe

DAVID CANTO / Coincidindo com o final da Primavera, dous grupos com umha carreira ainda incipiente, mas já consolidada, achegam-nos os seus novos trabalhos. Ataque Escampe, numha efervescência criativa contínua, apresentou a finais do mês de Maio o seu terceiro disco em três anos. Fanny+Alexander, em paralelo clímax musical, apresentou também o seu terceiro álbum.

As trajetórias discográficas destes dous grupos iniciáram-se em Compostela em 2007. Ambas apostas eram praticamente inéditas em todo o país. As grandes etiquetas do “pop” e do “rock” ficavam, mais que nunca, mui afastadas do que sugere umha breve escuita de “Ed Wood e a invasión dos paraugas asasinós” dos primeiros e “Lusco e Fusco” dos segundos. A evolução, a experimentação e a diversificação marcaram o caminho de Ataque Escampe e Fanny+Alexander desde aquelas óperas-primas.

O duo Fanny+Alexander, formado por Efi Arias e Noel Feáns propõem um “Alfaías” umha recolheita da obra de vários jovens autores galegos, mas reconhecidos tanto a nível nacional como também fora das nossas fronteiras. O Diego Ameixeiras, Enma Couceiro, Igor Lúgrís, Tati Mancebo, Yolanda Castaño, Daniel Salgado, Pedro Lamas, Xiana Arias e Estíbaliz Espinosa som os escritores que achegam as suas letras.

O fio condutor de “Alfaías”, para além de supor a aglutinação do mais prometedor das letras galegas, é a conjunção musical de onze versos numha ideia comum: a experimentação e densidade instrumental, melódica e harmónica aplicada às tendências mais novidasas do “pop”. O toque distintivo: umha recoberta de sons tradicionais e vozes como a de Martín Wu (The Homens), ou do mesmo Alex Charlón de Ataque Escampe. O resultado é um completíssimo disco que os coloca como um dos referentes do género, onde? Um mês é mui pouco para pôr limites.

Ataque Escampe, depois de “Galicia es una mierda” que os encimou e após sete anos de descontinua trajetória entre o simples ócio e os prémios, apresenta um trabalho que constitui um claro giro no seu itinerário. “A grande evasión” é umha fuga fictícia desde o Compostela e o Vista Alegre; a Galiza que inspirou o imaginário mostrado no disco anterior. A viagem traslada-nos mediante pequenos (entre os dous e os quatro minutos) e numerosos (dez e oito) intervalos a temas mais centrados no lirismo, o subconsciente e os referentes universais já presentes, de outro jeito, no anterior trabalho.

A genuinidade das letras continua intacta como marca de identidade. As novidades centram-se num maior protagonismo dos teclados, uns registros vogais atenuados e com um sentido mais recitativo que dramático e uns ritmos variados e também sossegados. É umha aposta de mudança que, momentânea ou definitiva, enriquece musicalmente a formaçom e os diversifica sem trocar a sua essência.

Ambos discos fõrom editados baixo licença Creative Commons e estão disponíveis em www.aregueifa.net tanto em CD, em a Regueifa Tenda, como para baixar, no Regueifa netlabel. Ademais umha peça de cada do novo disco de cada grupo aparecem na compilaçom que NOVAS DA GALIZA vem de poner à venda e que será apresentado na Sala Nasa de Compostela no dia 25 de Junho.

A GALIZA NATURAL

O país de um milhão de vacas

Tamén hai razas de vacas, e a mellor é a nosa. Castela

JOÃO AVELEDO / Não há dúvida que a vaca é o animal totémico do povo galego, mesmo nestes tempos de crise do setor leiteiro...

Vamos contar aqui como se «inventou» no início do século XX a mais conhecida das raças galegas, a oficialmente denominada «rubia gallega».

As raças bovinas puras, quer dizer, resultado de programas deliberados de melhoramento genético surgem na Inglaterra do século XVIII, como consequência das exigências impostas pelo desenvolvimento capitalista no agro. As condições do mercado obrigavam a uma seleção do gado à procura dos melhores caracteres para a produção de leite ou carne.

O tipo racial bovino maioritário na Galiza de finais do século XIX era descrito polos especialistas como uma vaca degenerada, emagrecida e tísica, que apresentava diferentes ecotipos locais e pelagens variadas que iam do loiro ao rubro. A preocupação polo apuramento deste gado gerou um intenso debate científico que, curiosamente, concluiu na criação de uma raça “nacional” que respondia às necessidades dos nossos lavradores: trabalho, carne e leite.

Para a eleição do procedimento de melhoria genética foram contempladas, fundamentalmente, duas alternativas: a seleção em pureza e a cobrição com touros de uma raça estrangeira. Optou-se por uma mistura de ambas as propostas, sendo a suíça Simmenthal a raça escolhida para os acasalamentos. Surpreende especialmen-

te que nos argumentos a favor desta raça, tivesse grande peso um preconceito ideológico, o etnicismo celtista, tão na moda entre a intelectualidade galega daqueles anos. Chegou-se a dizer, que a Simmenthal seria na origem a mesma raça de vacas que os celtas trouxeram à Galiza!!! Estava-se apenas a regenerar a raça própria do país...

Para levar a cabo o labor de melhoramento promoveram-se os concursos de gado e importaram-se sementais da raça Simmenthal para a Granja Agrícola-Experimental da Crunha dirigida por Hernández Robredo. Em 1916, um veterinário de origem catalã, Rofí Codina, publica a monografia «A Raça Bovina Galega». Em 33, a Dirección Geral de Pecuária estabelecerá o estalão (estándar racial) e o regulamento oficial dos livros genealógicos.

Hoje é a raça autóctone peninsular com um maior número de exemplares recensados (mais de 200.000 fêmeas) e atingiu até difusão internacional (Portugal, Brasil, França, Venezuela, Colômbia...).

Há que assinalar que o processo de seleção procurou, nomeadamente nas últimas décadas, a melhoria da produção cárnica e, assim, se o peso médio dos touros apresentados a concurso em 1913 era de uns 600 Kg., atualmente acerca-se aos 1.300 Kg.

Enfim, aqueles sonhadores pronacionalistas, que viram na humilde «vaca marela» a descendência daqueles bovinos que acompanhavam os filhos do celta Gael, na sua lendária invasão da Galiza, criaram, a partir de um mito, uma poderosa realidade.

CONSUMIR MENOS, VIVER MELHOR

Pom o teu dinheiro onde estás as tuas ideias. As finanças éticas.

TONI LODEIRO / Parece ser que Bertolt Brecht dizia que se roubar um banco era delito, mais delito era fundá-lo. Afortunadamente, nom sempre é assim. Há iniciativas, também financeiras, empenhadas em mostrar-nos que dinheiro, actividade empresarial, consumo... nom som algo intrinsecamente mau e “impuro”.

E nom me refiro agora aos oportunistas produtos “éticos” (fundos solidários, microcréditos...) dos bancos e caixas convencionais, que incluem dentro dos seus parâmetros de empresas éticas a Telefónica, Iberdrola, Inditex... Falo de alternativas que tenham na ética a base de toda a sua actividade e na transparência um dos seus pilares fundamentais. Nestas, as aforadoras recebemos um pequeno interesse e a segurança de que o nosso dinheiro será empregado só para apoiar projectos com um alto conteúdo social. As listas de projectos financiados som públicas e están compostas por projectos de agricultura ecológica, energias renováveis, iniciativas de cooperação, de inserção (drogodependências, imigrantes...) etc.

Na Galiza temos a sorte de contar com uma nova cooperativa de “Coop 57” (coop57galicia.blogspot.com), mas também com a experiência mais veterana de “O Peto” (opeto.org). Mais experiências a nível estatal e internacional em economiasolidaria.org (enlaces / finanças éti-

cas). Ponho enlaces em castelhano por ser umha página em castelhano.

Como “bancos éticos”, a nível estatal encontramos o mui recomendável “Projecto Fiare” (fiare.org), que conta com um comité de apoio na Galiza (elcorreo.gallego.es/index.Suplementos.php?idMenu=476&idNoticia=431472); e o holandês “Triodos Bank” (triodos.es), muito menos participativo, mas mais desenvolvido, o que o converte numha boa alternativa se precisamos serviços que Fiare ainda nom oferece como cartom bancário, fazer domiciliação de recibos...

Outras possibilidades de inversom apoiando projectos com alto valor ecológico podemos encontrá-las em ecoterra.org/articulos101es.html, desolasol.org/energiasostenible.org/sec4.asp?id_link=25, aiguasol.coop (empréstimos participativos) e maderasnobles.net.

www.nodo50.org/consumirmenosvivirmejor

Esclarecimentos sobre a coluna do mês passado. Os trasgos da imprensa levárom-nos palavras chave o mês passado. Quando falava de sabom para lavar a louça feito na casa ou por artesãos, referia-me sempre à vantagem de esfregar com sabom feito a base de gorduras de desperdícios: azeite de frígir usado, gordura da matança que nom vamos comer...

LÍNGUA NACIONAL

Qualquer um

VALENTIM R. FAGIM / Muito se tem escrito sobre a linha que separa umha língua de umha nom-língua. É já famosa a sentença, atribuída ao linguista judeu Max Weinreich, que afirmava: umha língua é um dialeto com

exército e marinha. A nossa tem de ambas mas noutras terras e noutras costas (e abandonando já agora esta metáfora que a mais de um lhe cresce água na boca).

Quando nom se tem o que é preciso, é comum o pessoal mistificar o que possui e, no mesmo embrulho, desprezar aquilo de que carece. A este respeito, proclamava Unanimo



em 1909 “que inventen ellos”, em referência aos europeus do norte.

Ora, nós também inventamos e

mistificamos, por exemplo o playmobil galego-falante. Infelizmente, nom há lá muitos tipos. Um deles é um pessoa idosa, a morar no âmbito rural, quase sempre com boina ou um pano negro. Outro é um rapaz ou rapariga de cidade, as mais das vezes com capuz. Está também o político profissional com panamá.

E parece que o resto nom interes-

sa. Jogamos tudo a dous ou três números (e na roleta há 37).

Mas o certo é que umha língua é tal, quando falada polo banqueiro, o bancário e o que vive em permanente bancarrota, polo explorador e o explorado, polo militante incandescente e o dependente televisivo, o aldeão e o cidadão, o generoso e o grande filho da mãe. Qualquer um.

CINEMA PARA PENSAR

The Visitor

ETRAFICANTE / Este filme foi exibido ao longo do ano 2008 com notável sucesso em diferentes festivais, até mesmo levar o prémio ao melhor filme e realizador em vários de eles. Se já tinha sido mui sugestivo o anterior film deste realizador, chamado “Vias cruzadas”, com umha análise do carácter humano, em “The Visitor” vai além da análise do indivíduo para fazer denúncia social, sempre com umha subtilidade que fica mui longe de outras propostas mais óbvias, quando nom panfletárias. Tòm McCarthy só sugere, dá indícios, de forma que o espectador

percebe a mensagem, mas sem sentir-se por isso adu-trinado. É um bom exemplo do cinema independente norte-americano, bem longe da indústria comercial americana e inserido num cinema progressista e mesmo de esquerda que também existe nos Estados Unidos. A história de “The Visitor” introduz-nos na vida de um professor de Universidade viúvo, amargado, e que se limita a dar aulas de forma mecânica e sem nengum afã investigador desde a sua cátedra. É um morto em vida, até que numha viagem a Nova Iorque por razons laborais descobre que há dous imigrantes a viver na sua casa. Perante a atitude respeitosa de eles, decide acolhê-los essa noite para que nom

durmam ao relento, noite que acaba por converter-se numha mudança de vida para todos. No meio, a denúncia do trato que as supostas democracias ocidentais dam a essa imigração mantendo o discurso oficial de que é o nosso maior tesouro, tal e como aparece nom cartaz de umha oficina de reclusom de imigrantes no filme. Esta hipocrisia revela-se nom só nas autoridades, que expulsam sem problemas qualquer pessoa que nom lhes interessa, mesmo quando é por motivos políticos, mas também na própria cidadania, incluída a “progre”. Significativa é a cena em que umha senhora vai comprar um colar à rapariga africana que estava no prédio do professor pedindo umha rebaixa e quando sai esquece recolher os trocos. Estava a

tentar dar-lhe menos dinheiro do que pedia por ser imigrante, pobre e provavelmente ilegal. Algo que nom faria numha loja convencional. Vemos umha sociedade cheia de preconceitos perante umha imigração que nom é a gente ignorante que se quer apresentar, pois há entre eles também artistas, músicos, e pessoas que fam (ou poderiam fazer) um grande contributo às nossas sociedades, até mesmo chegar a libertar-nos de muitos corsés e frustraços, como acontecerá afinal com o professor. Além das mensagens subliminais, temos um apegamento às relações humanas de amizade e de amor criadas com carinho e com umha sensibilidade que nom é fácil ver no cinema, na procura de eliminar muitos dos

medos e fantasmas que están presentes nas nossas sociedades ocidentais ricas e opulentas cara ao diferente e cara ao estrangeiro. Recuperar a nossa humanidade, fraternidade e carinho polos outros seres humanos é um dos objectivos que parecem estar presentes na filmografia deste realizador: logia mui nítida para se produzirem. Mas em todo o caso, este tipo de comportamentos fascistas dá-se nas organizações tanto de direita como de esquerda. Nesse sentido, o filme é umha pedra de toque para vermos como, ainda quando um grupo poda actuar com as melhores intenções, as dinâmicas grupais extremamente fechadas e entusiastas levam a umha intolerância que parece ser inerente às mesmas.



DESPORTOS

Liga Nacional de Biliarda

Rubén Otero e os Paquete Pinchas racham o poder do norleste e só Geni foi capaz de frear o vendaval do sul

XERMÁN VILUBA / Instantánea para historia: Markytos entrega a Rubén Otero o título de Campeón Nacional Absoluto na cerimonia de entrega de premios da Cantina de Conxo, sem representacion institucional nenhuma, nem falta que fijo porque cada poro da pele destes dous campeons nacionais garante a legitimidade absoluta de umha competicion sem papeis, mas com dignidade e coragem avondo...

Que este desporto de essencia tradicional cruzou a linha para ser considerado ja como umha disciplina de caracter analogo as demais actividades fisicas consideradas maioritarias e que a credibilidade dos palanadores e palanadoras como desportistas galegos esta fora de toda duvida. Umha tarde de calor converteu o campo de futebol de Conxo num Gobi onde os palanadores e paladoras da LNB execerom de ginetes ao lombo do camelo da ilusom:

-Final polo Título Nacional Feminino: *Geni*, palanadora dos Outros da Conferencia Norleste (Lugo) venceu depois de umha disputadissima final contra *Fátima*, palanadora do Culombios da Conferencia Sul (Ourense-Ponte Vedra).

-Final polo Título Nacional por



Markytos entrega a Rubén Otero o título de Campeón Nacional Absoluto na cerimonia de entrega de premios da Cantina de Conxo

Equipas: *Furabolas do Pino*, *Remourelle Bulls* e *Paquete Pinchas*, a equipa campeoa em cada umha das três Conferencias da LNB estava disposta a realizar o tam aguardado choque a três, um espectáculo de um nível impressionante que presenciárom como testemunhos os centos de seguidores chegados de todo o país que animárom de modo intenso desafiando o forno em que se tinha convertido o estádio de Conxo ao meio-dia.

Desde o lançamento da primeira biliarda os *Paquete Pinchas*, equipa da Conferencia Sul nom deu um segun-

do de trégua aos seus rivais, umha autêntica niveladora a franquia do Sul que sofreu umha pequena páxara no equador do partido, mas que em nennhum momento viu perigar o seu título nacional pola açom dos *Furabolas do Pino*, representantes da Conferencia Noroeste (Corunha) nem polos inseguros *Remourelle Bulls* da Conferencia Norleste (Lugo).

-Final Nacional de Varados (ou tiros directos). Uma pista, a de terra batida, que nom dava concessoms, nom havia espaço para especulacjom e o

lançamento tinha que ser limpo e certo para penetrar no Varal (bali-za) sem tocar o chao. Especulacjom e certezas, 10 tiros para cada um dos 12 palanadores e a intuicjom dizia que o que fisesse 2 Varados conse- guiria a vitória.

O Fuco pola Conferencia Sul e o Markytos pela Norleste figerom um Varado sendo *Rubén Otero* dos Lideiras da Conferencia Sul o que conseguiu duas dianas confirmando os palpitos iniciais para proclamar-se campeão galego nesta espectacular disciplina pondo os pilares da sua lenda na cidade de Estronópolis que anteriormente foi conhecida como Compostela.

-Final Nacional de Absoluta: Chegava a hora da verdade, *Markytos*, o palanador dos Bildeiros Musicais da Conferencia Norleste punha o seu cinto de campeão galego em jogo, sem medo, disposto a defendê-lo com unhas e dentes frente aos 23 palanadores restantes, elegidos por serem os 8 primeiros classificados das suas respectivas conferencias.

Todas as conferencias fôrom metendo os seus representantes nas séries finais, sendo a Conferencia do Noroeste (Corunha) a que primeiro ficou sem elementos, depois da queda do Rafa e do Maceira.

Todo estava em maos do emergente do Sul e do poder do Norleste que se resistia a deixar o seu reinado.

E chegou a tam aguardada final a três com o actual campeão galego, Markytos, que sem concessoms e totalmente concentrado e disposto a defender o seu título nacional junto com o seu colega de equipa *Hugo*, e *Rubén Otero*, que tinha sido proclamado campeão nacional de Varados umhas horas antes, e também estava disposto a conseguir título individual absoluto.

Com um Varado, Rubén selou a sua vitória vencendo em todas as carreiras das 5 que estavam dispostas na final e conseguindo assim o título de campeão nacional de biliarda, numha competicjom, a da LNB, que confirmou neste Play Off Galego umha dimensom espectacular, nunca antes sonhada, no âmbito do desporto galego. E se nos Varados, Rubén Otero, consolidou a sua hegemonia, na final absoluta confirmou-a, a de ele e a de toda a implacável delegacjom do Sul. E como a luita continua... apontai: câmara municipal de Barreiros o 14 de Junho disputa do Anho Preto no Torneo de seleccoms paroquiais e na sexta-feira 3 de Julho em Ordes primeiro abertinho de festivais no *RevoltozaRock*.

Murguía, Revista Galega de Historia é un proxecto autoxerido, no que grazas a centos de subscritores e lectoras vai descubrindo a Historia da nosa nazón, divulgándoa e pondo-a en valor.

No último número apréséntase umha boa parte dos mitos e lendas que conforman o noso imaxinario colectivo, así como a nosa pegada na tradición e lendas doutros países, caso de Irlanda, obvio a través do Leabar Gabhala que reproduce o último número de Murguía, RGH...

Subscribete!

www.revistamurguia.com

Nome _____ Apelidos _____
Enderezo _____
Localidade _____ CP _____ Teléfono _____

Solicito: Subscripción ☐ Máis Información ☐

Enviar a Murguía, Revista Galega de Historia: Apartado de Correos 755 15.703 Compostela
ou secretaria@revistamurguia.com Teléfono 629.31.12.68



www.novasgz.com | assinantes@novasgz.com | Telefone: 692 060 607

NOVAS DA GALIZA



Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a NOVAS DA GALIZA, Apartado 39 (CP 15.701) de Compostela

☐ Subscriçom + livro = 35 € ☐ Subscriçom anual = 24 € ☐ Assinante Colaborador/a = ____ €
☐ Subscriçom + pack biliarda = 30 € ☐ Subscriçom + duplo pack biliarda = 35 €

Nome e Apelidos _____ Telefone _____
Endereço _____ C.P. _____
Localidade _____ E-mail _____

☐ Nº Conta

☐ Junto cheque polo importe à ordem de Minho Média S.L.

Assinatura

Cabo da Cruz consegue a única bandeira para a Galiza

ISMAEL R. SABORIDO / Logo da temporada de bateis, que rematou com o campeonato estatal realizado na cidade de Santander com uma péssima organização, começaram as regatas de traineiras, a embarcação intermédia entre o batel e a trainha. Nesta embarcação, de seis remeiros e um patrom, há três categorias, sénior feminino e juvenil e sénior masculino. Esta última categoria costuma ser já um pequeno avanço do que vai acontecer na trainha, onde se pode começar a ver que trainhas serão as que vão dominar a liga, enquanto que nas outras duas categorias significava o encerramento da competição até o ano seguinte, mas esta temporada, só será o adeus para as crianças da categoria juvenil, já que as mulheres também competirão numa liga de trainhas este Verão.

A temporada de traineiras caracteriza-se por ser a mais curta, onde quase não há tempo para preparar esta embarcação. Três ou quatro regatas preparatórias e já começam as regatas eliminatórias, campeonatos territoriais, nacional e estatal. Este último celebrou na localidade de Castro Urdiales, umha vila com grande tradição arraunlari e um dos campos de regatas onde a qualquer remeira ou remeiro quer remar.

O campeonato estatal consta de duas jornadas, em que competem equipas chegadas de toda a costa cantábrica, da Galiza até Euskadi. No sábado disputáram-se as eliminatórias, em que participam dez embarcações em cada categoria divididas em dois turnos e das quais saem as cinco tripulações finalistas.

Estas eliminatórias disputá-



Os siareiros galegos animando as nossas embarcações no porto de Castro Urdiales

rom-se com uma intensa brétema que, por momentos, ia a mais e que só permitiu que se vogaran as eliminatórias da categoria feminina e da categoria juvenil, mas que obrigou os juizes a suspenderem as eliminatórias da categoria sénior

masculino. Nesta categoria todas as equipas passáram directamente para a final e esta teve que ser realizada atirada, quer dizer, sai o primeiro turno e dois minutos mais tarde sai o segundo turno, sendo a campeoa a embarcação que registar o

melhor tempo.

Na categoria feminina, a bandeira ficou em Cantabria, impondo-se a tripulação de Astillero a todas as embarcações galegas, que ocupáram os três seguintes postos na final. Cabe destacar que as remeiras

destas três tripulações galegas, Chapela, Samertolameu de Meira e Cabo da Cruz, uníam as suas forças na trainha, para competir na liga ACT em representação da Galiza.

Na categoria juvenil, as crianças de Cabo da Cruz, ganháram com grande autoridade e conseguiram a única vitória para o remo galego, enquanto que na categoria sénior masculino, as equipas galegas estiveram fora da luta pelas medalhas quase desde o início da prova. Sem embargo, o balanço geral foi muito bom, 4 medalhas das 9 possíveis, um ouro, uma prata e dois bronzes.

Rematadas as modalidades de bateis e traineiras, o passado 14 de Junho, já deu começo a Liga Galega de Trainhas, em águas de Muros, com a vitória de Chapela. A princípios de Julho também começaram as Ligas ACT, onde competiram as equipas galegas de Tirán e Samertolameu na edição masculina e um combinado galego na edição feminina. Sorte a todas!

CATEGORIA SÉNIOR MASCULINO

Pos.	Clube	Total	Dif.
1	S.D.R. CASTRO URDIALES	13:49:81	
2	S.D.R. ASTILLERO	13:57:12	+0:07:31
3	BERMEO A.E.	14:11:18	+0:21:37
4	C.R. TRASMIERA	14:12:28	+0:22:47
5	S.D. SAMERTOLAMEU	14:24:41	+0:34:60
6	KAIKU A.E.	14:24:44	+0:34:63
7	C.R. REMEDIOS DE TIRÁN	14:24:84	+0:35:03
8	S.D. TIRAN	14:50:81	+0:51:85
9	C.R. CABO DA CRUZ	14:50:81	+1:01:00
10	S.D.R. PEDREÑA	15:15:34	+1:25:53

CATEGORIA SÉNIOR FEMININO

Pos.	Clube	Total	Dif.
1	S.D.R. ASTILLERO	16:07:61	
2	C.R. CHAPELA	16:13:58	+0:05:97
3	S.D. SAMERTOLAMEU	16:19:31	+0:11:70
4	C.R. CABO DA CRUZ	16:27:68	+0:20:07
5	GETARIA A.E.	17:01:44	+0:53:83

CATEGORIA JUVENIL MASCULINO

Pos.	Clube	Total	Dif.
1	C.R. CABO DA CRUZ	14:51:98	
2	GETARIA A.E.	15:09:12	+0:17:14
3	C.R. ROBACLEIRA	15:15:77	+0:23:79
4	C.R. MECOS	15:20:44	+0:28:46
5	S.D.R. ASTILLERO	16:07:91	+1:15:93

o Estado espanhol impoñ unha sempre económica as independentistas

Neste país, dar a cara sae caro

Colabora contra a repressão económica
2091 0395 21 3040001337

113
CAFE-BAR

Compostela - Rua Santa Clara

O IMPERIALISMO JÁ NÓM É INVENCÍVEL

Leia e subscreva-se a:

RESUMEN
latinoamericano

Um projecto comunicacional com 15 anos de existência que serve para enfrentar o discurso dos poderosos

Correio: resumenlat@yahoo.com.ar
Telefone: 630262156

bar
faluya

Orzán 75,
A Coruña

galizalivre.org
información libre e xeral

VASE

Rua Tallaíra, 9
(Zona Universidade)

desmoro

LOCAL SOCIAL * OURENSE * GALIZA

A Peneira
Xornal Galego de Información Xeral

A Peneira
Cabeceiras Comarcais

A Peneira
do Condado/Paradanta

A Peneira
da Louriña

neves
asesoría

Francisco Xosé Neves Alvarez
Graduado Social
R/ Morales Hidalgo, 16
36860 Ponte Areas
Teléfono: 986 644 059



| CARMELA CASAL | PRESIDENTA DA ASSOCIAÇÃO DE EMPREGADAS DO FOGAR XIARA |

“As trabalhadoras do lar continuamos a ser as criadas de há dous séculos”

OLGA ROMASANTA / Mulheres e trabalhadoras do lar. Invisibilizadas por partida dupla, como elas próprias reconhecem. Mas Xiara manifesta-se cada Primeiro de Maio, cria debate, informa, exige e traspassa a fronteira da morada para tomar a rua, ponhendo na boca da gente um problema ao que continuamos a dar as costas. O negócio das empregadas do lar é o terceiro que mais dinheiro negro move em todo o Estado; seguem sem contratos que lhes permitam denunciar as situações humilhantes a que se vem submetidas e cobram (quando cobram) reformas de 33% do salário mínimo interprofissional. Falamos com a sua presidenta, Carmela Casal.

Quando nasce Xiara e com que objectivos?

Xiara nasceu de um grupo de pessoas que nos juntamos em 2001 para constituirmos a Plataforma pola Dignificação do Trabalho Doméstico, que contou desde o primeiro momento com o apoio de sindicatos como a CIG ou a CUT. A associação com o nome que leva hoje cria-se em 2004. O objectivo é que as trabalhadoras do lar sejam com plenos direitos e sejam consideradas como o resto dos trabalhadores.

Qual é a vossa situação legal a dia de hoje?

Continuamos sem ser reconhecidas como trabalhadoras: nem temos contrato, nem salário mínimo, nem férias, nem direito ao desemprego... A lei nem muda desde o ano 85, quando se tinha criado um seguro especial para reformas ou casos de enfermidade grave, e nem sequer estão sempre garantidos. Continuamos a ser as criadas de há dous séculos. Somos maltratadas, desvalorizadas e, na maior parte dos casos, nem

recebemos um trato digno. Para alguns um robô ao que se pode exigir muito e pagar mui pouco.

Como vos está a afectar a crise?

Muitas imigrantes que trabalhavam nisto tiveram que voltar aos seus países. Aliás, há muitas mulheres que antes trabalhavam fora e contratavam alguém para a casa ou as crianças, mas agora estão desempregadas e fam-no elas. A queda na demanda está-se a notar em todos os sectores. Também afecta nos salários, há mulheres que vam trabalhar por menos.

Em 2007 rodastes a curta-metragem, *Esquecidas*.

Demos-lhe muito movimento: Compostela, Vigo, a Marinha,... Agora vende-se para tentar sufragar os gastos. O importante é que a gente tome consciência do problema, assim que a curta foi umha boa iniciativa.

Há algum homem convosco?

Nengum. Nos gostaríamos de que houvesse, claro, e que se achegasse a contar-nos a sua experiência.

Credes que a invisibilização à que estais submetidas é própria do vosso sector ou pode-se extrapolar ao trabalho feminino em geral?

Está claro que as mulheres somos discriminadas em todos os âmbitos. Certamente, o nosso sector é um dos mais des-cuidados nesse sentido. É um problema social que nom se quer ver; estamos invisibilizadas por partida dupla.

A contratação de empregadas do lar continua a contar com a componente de classe de antanho ou democratizou-se?

Hoje é umha prática mais estendida. Há também muitas famílias com poucos ingressos que nos chamam para cuidar meninos ou velhos. Elas nom podem, nom som de ferro, e ajuda dos homens ainda nom tenhem muita.

Como recebem os empregadores as vossas reivindicações?

Há de todo. Há alguns que oferecem o seguro desde o primeiro dia ou que nos chamam para se informar de quanto se deve pagar. Mas também os há que continuam a exigir “informe” de outras casas, ainda que já é umha prática em decadência. Fam também perguntas sobre a vida privada, querem-nas solteiras ou viúvas, e sem filhos, para que nom pidam dias livres. Às vezes os empregadores pensam que vamos trabalhar para ganhar uns poucos quartos e somar-lhe algo aos ingressos que trai o

homem à casa. Mas isso já nom é assim: há mulheres solteiras, viúvas ou que simplesmente nom querem depender de ninguém, e encontram-se com solários que nom dam para viver. Também há outros que che dim “yo te aseguro pero te lo descuento”. Pois para isso nom fagas nada, que temos que comer e com 400€ nom se pode.

No vosso sector há muitas mulheres imigrantes. Tenhem presença em Xiara?

Sim, muita. A sua situação é ainda pior, sobretudo ao princípio. A gente desconfia delas. Aliás, com as que estão internas há problemas mui gordos. Descontam-lhes a comida, que às vezes som sobras, e o dormir. Estám 24 horas disponíveis, sofrem ameaças e muitas cousas mais das que nom se fala. Um dia ficam grávidas do senhorito, como se lhe chamava antes, e nom há nada que denunciar. O contrato é imprescindível para estas situações.

Que conseguistes e que fica ainda por reivindicar?

Fica todo: a segurança social, o direito ao desemprego, o direito a férias, um salário mínimo,... Falta que nos considerem igual que a qualquer outro trabalhador. Conseguimos já chegar à gente, que falem de nós, mas nunca é avondo. Nós continuaremos a lutar juntas por um trabalho digno, que é como se conseguimos as cousas.

Kunfundidos

XAN CARLOS ÁNSIA

A recente morte de David Carradine, o Kun-Fu, está cheia de incógnitas e mistérios sem resolver. Foi encontrado aforcado dentro de um armário num hotel de Bangkok. Deveu-se acaso o seu fim a umha conspiração de umha cisom imandinha de artes marciais... É tal vez um desgraçado acidente numha prática sexual de risco inventada pela mente febricitante de um amador do trombom, é a vingança do fantasma de Bruce Lee por ciúmes e inveja do mestre para o seu aluno mais avantajado... também pode ser que o seu pai ideológico e preceptor decidisse rematar com ele umha vez perdidas as suas dotes para liderar umha seita renovada e acomodada aos tempos que correm, ou é que o cadáver encontrado nom se corresponde com o ex-monge televisivo de Shaolin convertendo-se numha artimanha, na tentativa de retirar-se à beira de um rio cristalino e de bucólica paisagem onde morrer mui idoso e bem mantido ou e apenas o suicídio esperado de um famoso actor, em tempos estrela, quando se deu conta de ter rematada a sua carreira baixo os focos da fama e com um miserável destino de papeis de actor secundário e filmes alimentícios de ínfima qualidade parlamentar.

O Kun-Fu foi o líder indiscutível da juventude non revolucionária, naqueles tempos em que ninguém estava confundido. Os bons eram das Comissões Labregas, de Erga, do Sog e da Ing, ecologistas só eram os de ADEGA. A Constituição era espanhola e colonial. Nos mundiais de futebol ou nas olimpíadas era a URSS a selecção a animar. A bandeira galega tinha umha estrela no meio de cinco pontas e cor vermelha e nom havia melhor manual marxista que o de Marta Hameker. Os maus eram tantos e tam bem identificáveis como aqueles todos que semanalmente recebiam malheiras do monge interpretado polo Camadine: empresários sem escrúpulos, exploradores de chineses nas obras dos caminhos de ferro, xerifes corruptos, desertores do 7º de cavalaria e mesmo algum monge dissidente ao qual havia que fazer pagar a golpes a sua desviação da ortodoxia.

Para enlevar mais o quebra-cabeças, umha dirigente do BNG, de essas que passearom quatro anos em carro oficial e acabárom o seu mandato com direito ao plus dos altos cargos, afirma convencida que a confusom impera hoje na Galiza e nom é precisamente das que governárom como o PP com um voto nacionalista e de esquerda. Nada mais claro e transparente para a cidadania que a empresa Carrumueiro, as contratações do Consórcio de Castrillo, a privatização do serviço de extinção de lumes, o apoio a Reganosa ou a continuidade do esbanjamento no mausoleo de Fraga. E como nom perceber à primeira o silêncio dos parlamentares nacionalistas perante as mobilizações das Comissões Labregas... sim aquelas que havia que montar em todas as aldeias. A kunfusom na morte de David Carradine leva traças de se converter numha lenda urbana. A confusom da direcção do BNG vai caminho de ser umha zarzuela... ainda lhes parecera mal que nom se via aplaudir as representações de Dona Francisquita no Teatro da Opera do Gáias.